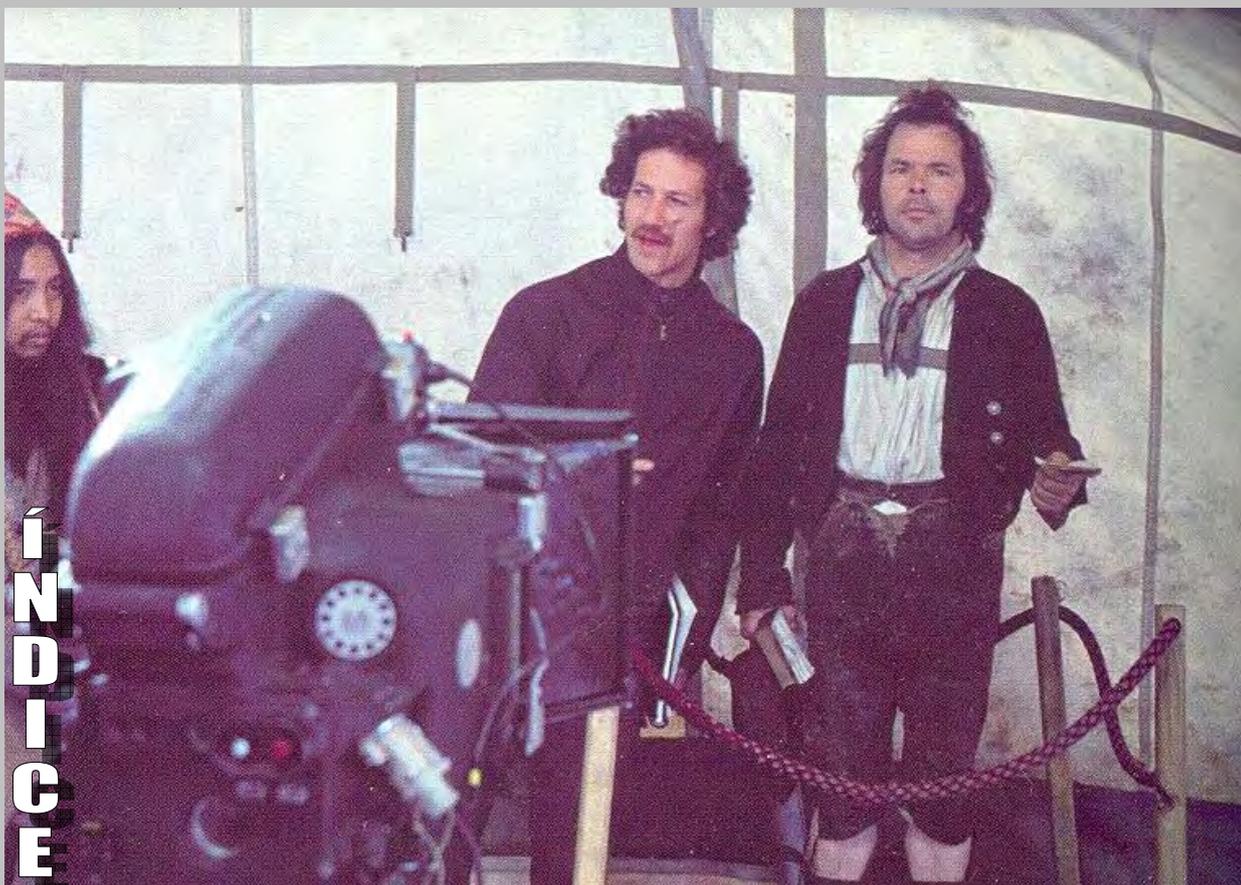




Cineclube de Joane

PLANO DE ACTIVIDADES 2012





01. Retrospectiva 2011

01.01.01 ciclo Cinema É Obsessão!	4
01.01.02 ciclo O Ilusionista Tati	5
01.01.03 ciclo Todo o José Álvaro Morais	6
01.02. Sessões Semanais (inclui Rede de Exibição Alternativa do I.C.A.)	7
01.03. Já Não Há Cinéfilos?! - Burton + Taylor / Hawks / Truffaut	13
01.04. Extensões de Festivais de Cinema: INDIE Lisboa	16
01.05. Sérgio Trefaut apresentou <i>A Cidade dos Mortos</i>	17
01.06. Cinema Paraíso: Praça 9 de Abril / Seide S. Miguel / Sezures	18
01.07. Sessões em Parceria: Clarabóia (Casa do Professor de Braga) + Casa da Galeria (Santo Tirso)	20

02. Plano de actividades 2012

02.01.01 ciclo WERNER HERZOG – Até ao Fim do Mundo	23
02.01.02 ciclo JIA ZHANG-KE - A China em Transformação	25
02.01.03 ciclo António Campos	26
02.01.04 ciclo O Cinema de TENNESSEE WILLIAMS	28
02.02. Programação Semanal de Cinema de Autor	30
02.03. Rede de Exibição Alternativa – R.E.A. / I.C.A.	31
02.04. Já Não Há Cinéfilos?! KUROSAWA / VISCONTI / RAY	32
02.05. Extensões de Festivais de Cinema	
02.05.01. CINANIMA – Festival Internacional de Cinema de Animação de Espinho	33
02.05.02 INDIELISBOA – Festival Internacional de Cinema Independente de Lisboa	34
02.05.03 DOCLISBOA – Festival Internacional de Cinema Documental de Lisboa	35
02.06. Festa Mundial da ANIMAÇÃO	36
02.07. Masterclasses, Debates: O CINEMA PORTUGUÊS em Destaque	37
02.08. Cinema para as Escolas	38
02.09. A Boceta de Pandora - Filme-Concerto (Estreia / Encomenda)	39
02.10. Cinema Paraíso	40
02.11. O Homem da Câmara de Filmar	41
02.12. P.I.C. – Programa de Itinerância Cinematográfica	42
02.13. Página na Internet	43
02.14. Edição do Boletim Mensal – Remodelação	43
03. Orçamento 2012	45

Cineclube de Joane / PLANO DE ACTIVIDADES

01 – RETROSPECTIVA 2011



01. Retrospectiva 2011

01.01.01 ciclo Cinema É Obsessão!

01.01.02 ciclo O Ilusionista Tati

01.01.03 ciclo Todo o José Álvaro Morais

01.02. Sessões Semanais (inclui Rede de Exibição Alternativa do I.C.A.)

01.03. Já Não Há Cinéfilos?! - Burton + Taylor / Hawks / Truffaut

01.04. Extensões de Festivais de Cinema: INDIE Lisboa

01.05. Sérgio Trefaut apresentou *A Cidade dos Mortos*

01.06. Cinema Paraíso: Praça 9 de Abril / Seide S. Miguel / Sezures

01.07. Sessões em Parceria: Clarabóia (Casa do Professor de Braga) + Casa da Galeria (Santo Tirso)

Ciclo **CINEMA É OBSESSÃO!**

O Cinema é uma arte que envolve inúmeros recursos, tanto criativos como técnicos e, além disso, procurou estabelecer-se como possível sùmula das outras artes. Nesse emaranhado de possibilidades, é concebível que da parte dos seus autores maiores, os realizadores, surjam temas e opções de carácter obsessivo. Mas como cada uma das categorias técnicas (a fotografia, a montagem, o som, a cenografia, etc.) são de uma vastidão extrema, as obsessões criativas que há pouco imputávamos aos cineastas são também fáceis de encontrar nos responsáveis por cada uma das camadas técnicas. Assim, montamos um ciclo em que tais manias são tão imputáveis aos criadores como às personagens, e às vezes a ambos os casos. Escolhemos 10 obras, títulos com um lugar de destaque na história do Cinema, mas temos consciência que haverá por aí, em muitas cabeças, outras tantas escolhas, cada uma com as suas (obsessões).
Cineclube de Joane, Janeiro de 2011

O VIGILANTE / The Conversation (1974) de Francis Ford Coppola [Janeiro]

CLOSE-UP / Nema-ye Nazdik (1990) de Abbas Kiarostami [Fevereiro]

A VÍTIMA DO MEDO / Peeping Tom (1960) de Michael Powell [Março]

O SEGREDO DA PORTA FECHADA / Secret Beyond the Door (1948) de Fritz Lang [Abril]

NEW YORK NEW YORK (1977) de Martin Scorsese [Maio]

IMPÉRIO DOS SENTIDOS / Ai no Corrida" (1976) de Nagisa Oshima [Junho]

A CORDA / The Rope (1948) de Alfred Hiitchcock [Setembro]

HISTÓRIA IMORTAL / The Immortal Story (1968) de Orson Welles [Outubro]

QUE VIVA MÉXICO! / Da zdravstvuyet Meksika! (1931) de Sergei Eisenstein [Novembro]

BLOW OUT - EXPLOSÃO / Blow Out (1981) de Brian de Palma [Dezembro]

Cinema

O que chegou primeiro, Watergate ou O Vigilante?

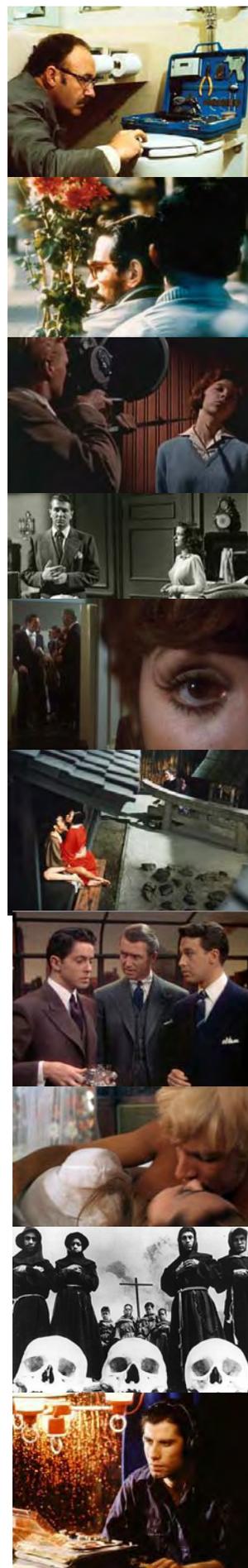
O Vigilante,
de Francis Ford Coppola
VILA NOVA DE FAMALICÃO.
Casa das Artes. Às 21h30.
Entrada gratuita

Antes de ser já o era? Coppola garante que não, o realizador diz que qualquer semelhança entre o filme *O Vigilante* - aquele que o próprio considera ter sido o seu projecto mais pessoal - e o escândalo Watergate é pura coincidência. Francis Ford Coppola escreveu e realizou o dia-a-dia de Harry Caul (Gene Hackman), um solitário e paranóico especialista em vigilância que vê o feitiço virar-se contra o feiteiro. Caul vive o

microclima dos Estados Unidos na altura: alguém que tenta cumprir a sua missão, assombrado por um sentimento de culpa e constringido pelos seus métodos. O realizador ficou chocado ao saber que o seu filme utilizara tecnologia semelhante à da espionagem política. Coppola defende-se, alegando que o guião estava escrito desde meados dos anos sessenta (antes de Nixon chegar ao poder) e que as filmagens estavam concluídas antes de as histórias mais reveladoras do Caso Watergate terem sido publicadas. O público interpretou o filme como sendo uma consequência do escândalo. O Cineclube de Joane volta hoje a seguir as pistas, em mais uma sessão do ciclo *Cinema é obsessão!*



[ao lado: destaque do Jornal Público de 6 de Janeiro de 2011]



Ciclo **O ILUSIONISTA TATI**

Com a estreia de *O Ilusionista* de Sylvain Chomet, filme concebido a partir de um argumento (nunca filmado) de Jacques Tati, encontramos uma oportunidade de voltar ao criador de uma das personagens mais importantes e calorosas da história do Cinema: Monsieur Hulot.

De Tati, um criativo discípulo dos mestres do burlesco (Chaplin, Keaton), exibiremos alguns dos filmes fundamentais, com Mr. Hulot no centro: *Há Festa na Aldeia* (*Jour de Fête*, 1949) e *As Férias do Sr. Hulot* (*Les Vacances de Monsieur Hulot*, 1953)

Cineclube de Joane, Março de 2011

HÁ FESTA NA ALDEIA / Jour de Fête (1949) _ 22 de Março

Reina a calma em Sainte-Sévère quando chegam as caravanas de um grupo de forasteiros. A aldeia encontra-se enfeitada com flores e bandeiras. A esplanada do café está pronta a acolher um grande baile popular, o barbeiro e a costureira trabalham como nunca. O carrocel, a lotaria, o cinema ambulante, a barraca de tiros e outros jogos estão montados. Desejoso de receber os visitantes recém-chegados, o carteiro François propõe-se guiá-los, mas acaba por só provocar catástrofes. No momento em que os forasteiros estão de partida, o carteiro, perante uma assistência atônita, decide imitar os americanos como no documentário apresentado na véspera no cinema. A vida quotidiana pontuada pelas estações do ano retoma o seu curso na aldeia de Sainte-Sévère, onde o tempo parece agora suspenso e belo...



AS FÉRIAS DO SR. HULOT / Les Vacances de M. Hulot (1953) _ 23 de Março

Hôtel de la Plage, costa atlântica, Verão: as pessoas pousam as malas calmamente. Ao longe, o som incomodativo de um carro ruidoso. Ao volante, um veraneante pouco comum. É o senhor Hulot, que empurra a porta do hotel e provoca logo uma enorme corrente de ar.

É a desordem total durante a estação balnear: ténis coreográfico, um barco de pesca partido. O Sr. Hulot, para gáudio das crianças, semeia involuntariamente o terror nesta pequena sociedade de veraneantes demasiado sérios.



O MÁGICO / L'illusionniste de Sylvain Chomet (2010) _ 24 de Março

Se até aos anos 50 o "music hall" tinha um enorme peso no mundo do espectáculo, a partir dos finais dessa década, especialmente com a aparição do rock e das super estrelas da música, o interesse do público começa a mudar de direcção. E é assim que o nosso mágico percebe que a sua actividade como ilusionista está em perigo e que, se nada fizer contra isso, cairá na miséria como tantos outros artistas de renome. Por esse motivo abandona os grandes salões de Paris e segue o seu rumo em direcção à Escócia onde encontra Alice, uma rapariga muito especial que Mudará toda a sua forma de viver.

Um filme de animação realizado por Sylvain Chomet ("Belleville Rendez-Vous" nomeado para Óscar em 2004) a partir de um argumento original de Jacques Tati. Nomeado para melhor filme de animação para os Globos de Ouro na edição de 2011.



No trilho de Jacques Tati

Ciclo O Ilusionista

Há Festa na Aldeia

De Jacques Tati

Vila Nova de Famalicão. Casa das Artes (Pequeno Auditório).

Às 21h30. Entrada livre.

A recente estreia nas salas portuguesas da longa-metragem de animação *O Ilusionista*, em que Sylvain Chomet concretiza um argumento não realizado por Jacques Tati, é o pretexto para um pequeno ciclo com que o Cineclube de Joane revisita o imaginário do grande mestre francês do cinema. É assim que entre hoje e quinta-feira são exibidos em Famalicão dois dos filmes mais célebres de Tati, *Há Festa na Aldeia* (1948) e *As Férias*

do Sr. Hulot (1953), além do próprio *O Ilusionista*. É uma viagem imperdível ao universo mágico de Tati, de que Chomet se reclama um admirador e discípulo acérrimo - lembram-se de *Les Triplettes de Belleville*?...

Há Festa na Aldeia leva-nos a uma pequena localidade no interior de França, em meados do século passado, quando, numa era ainda anterior à televisão, a festa anual introduzia um ambiente de verdadeira excepção no dia-a-dia local. E quando um carteiro - não se chama ainda Sr. Hulot, mas tem já todo o perfil da personagem que irá irromper nos filmes seguintes - decide participar na organização da festa, tudo pode acontecer... E acontece mesmo.

[ao lado: destaque do Jornal Público de 22 de Março de 2011]

Ciclo *Todo o José ÁLVARO MORAIS*

A carreira de José Álvaro Morais fica marcada, inevitavelmente, pelo filme **O Bobo** e pela vitória no Festival de Locarno (1987). Depois de uma produção muito atribulada, com uma rotação em estúdio interminável e com problemas na montagem do som, parecia que a vitória em Locarno lançaria o filme e o realizador. Nada mais enganador: José Álvaro Morais só regressaria 6 anos depois com **Zéfiro**, outro dos filmes reveladores do interesse do realizador na história de Portugal e, principalmente, no território em volta do Tejo. Depois com **Peixe-Lua** (2000) e **Quaresma** (2003) chegaria finalmente o reconhecimento do realizador, um autor que pretendia meter todas as histórias no mesmo filme, que envolvia os actores e demais participantes dos filmes nas narrativas e os relacionava com os personagens, nas palavras de João Botelho: “o único cineasta romântico português”. Infelizmente, desapareceria de forma precoce (apenas com 60 anos), pouco depois da estreia de **Quaresma**. Antes de **O Bobo**, José Álvaro Morais concebeu dois documentários, o segundo fundamental, **Ma Femme Chamada Bicho** (1976), em volta da pintora Vieira da Silva e que nas palavras de Augusto M. Seabra serviu de epígrafe ao seu cinema: “Um mundo de deslocação, trânsito: deslocação de espaços (geográficos) e culturas, com uma noção particular de discurso artístico”. Neste ciclo, entre Setembro e Novembro, exibiremos todos os seus filmes.

Cineclube de Joane, Setembro de 2011

José Álvaro Morais revisitado

José Álvaro Morais (1943-2004) morreu cedo de mais (aos 60 anos, em pleno pico de actividade), para mal do cinema português, mas mesmo assim a tempo de assinar algumas das suas mais singulares obras-primas, e sobretudo um filme mítico, **O Bobo**, **Leopardo de Ouro** no Festival de Locarno em 1987. Sete anos depois da morte do cineasta, o Cineclube de Joane dedica-lhe uma integral que começa já hoje às 21h30, no Pequeno Auditório da Casa das Artes de Famalicão, com a exibição de **Zéfiro** (1993), fresco sobre o território a Sul do Tejo que confirma o interesse de José Álvaro Morais pela história de Portugal. O ciclo *Todo o José Álvaro Morais* prossegue até já amanhã, à mesma hora, com a exibição do seu atribuladíssimo filme de estreia, **O Bobo**, ficção em torno do romance homónimo de Alexandre Herculano que demoraria oito anos a cumprir-se. Até Novembro, o Cineclube de Joane mostrará toda a restante obra do realizador, incluindo os mais recentes **Peixe-Lua** (2000) e **Quaresma** (2003), assim como o documentário **Ma Femme Chamada Bicho** (1976), sobre a pintora Vieira da Silva. A entrada na sessão de hoje é gratuita.



MA FEMME CHAMADA BICHO (1976) _ 12 de Outubro

Um retrato da mulher-pintora Maria Helena Vieira da Silva (1908-92), pelo olhar surpreendente de Arpad Szenes. Relação vivida a dois - uma protecção mútua, salvaguardando imaginários próprios, criativamente diferentes, apesar dos pontos de inter-penetração. A câmara à superfície das telas, além do mero itinerário visual. O “mundo de Vieira”: genialidade, ritmo, cor, formas desafiantes. Evocações por artistas, historiadores, galeristas, poetas, escritores, gente da cultura.



O BOBO (1987) _ 8 de Setembro

Lisboa, 1978. Os últimos dias de ensaio numa tentativa de adaptação teatral, no velho estúdio da Lisboa Filme, do romance “O Bobo” de Alexandre Herculano, pelo encenador Francisco Bernardes, que também desempenha Dom Bibas. Articulação de peripécias actuais com elementos do passado - fundação da nacionalidade, queda do império - através de intrigas políticas, enredos amorosos. A vida dos intérpretes no quotidiano. Francisco é confrontado pela antiga afeição com uma actriz, Rita Portugal, e retoma um pacto quanto a João, um amigo com armas para vender. Primeira longa-metragem de José Álvaro Morais. “O Bobo” foi uma produção de longuíssima gestação (1979-1987) devido a frequentes problemas financeiros. O resultado final é um dos melhores filmes do cinema português. **Leopardo de Ouro** no Festival de Locarno de 1987



ZEFIRO (1993) _ 7 de Setembro

“Zéfiro” é um filme-viagem, um fresco sobre Portugal Meridional. Deixa-se Lisboa de barco até à margem sul do Tejo. Depois atravessa-se grande parte das planícies alentejanas para regressar finalmente ao ponto de partida - Lisboa. Neste filme, o Sul de Portugal é tratado de uma maneira metafórica, como um lugar em que diferentes culturas se cruzam formando uma identidade muito própria. O filme mistura dois registos: um documental, outro ficcional.



PEIXE-LUA (2000) _ 19 de Outubro

«Peixe Lua é um filme com personagens em desequilíbrio para a frente, uns mais enérgicos e outros mais preguiçosos. Que a meio parece transformar-se em road-movie mas que, afinal, volta ao ponto de partida. Aparentemente. É um filme de verão, de verões. Há duas épocas no filme, dois verões separados por meia-dúzia de anos, os anos do fim da juventude, o tempo que os personagens levam a aperceber-se de que estão a ficar sós. Fim de verão, tórrido: estamos numa vila ribeirinha em frente de Lisboa, do outro lado do Tejo, os personagens tomam decisões, que talvez não sejam as melhores, mas que, para eles, são definitivas.»

José Álvaro Morais



QUARESMA (2003 - 95m) _ 9 de Novembro

“QUARESMA vem trazer fascinantes leituras à obra que o precede (...) tem por pano de fundo uma galeria impressionante de personagens femininas (...) Nunca ninguém filmou com esta urgência e mítica força a paisagem da Serra da Estrela, a permanência granítica do Norte de um país do Sul.”

Mário Jorge Torres, *Público*

[ao lado: destaque do Jornal Público de 7 de Setembro de 2011]

JANEIRO

6



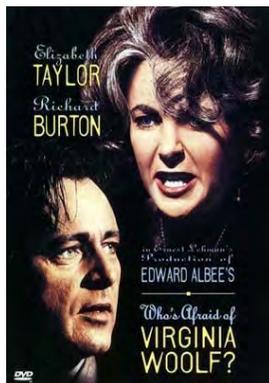
O VIGILANTE
Francis F. Coppola

13



VÃO-ME BUSCAR ALECRIM
John & Bennie Safdie

18 JNHC



QUEM TEM MEDO DE VIRGINIA WOOLF?
Mike Nichols

20 R.E.A.



GAINSBOURG: VIDA HEROICA
Joann Sfar

27 R.E.A.



LOLA
Brillante Mendoza

FEVEREIRO

3 R.E.A.



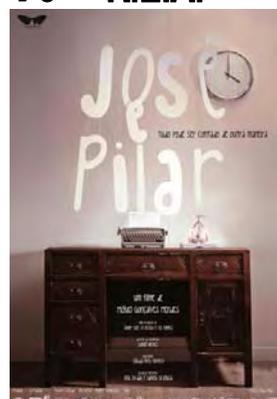
AS ERVAS DANINHAS
Alain Resnais

9 JNHC



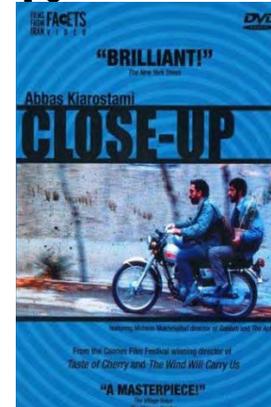
RIO BRAVO
Howard Hawks

10 R.E.A.



José e Pilar
Miguel Gonçalves Mendes

16



CLOSE-UP
Abbas Kiarostami

17 R.E.A.



CÓPIA CERTIFICADA
Abbas Kiarostami

24 R.E.A.



EMBARGO
António Ferreira

MARÇO

3 R.E.A.



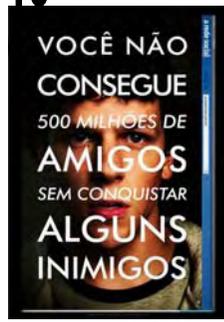
O ASSALTANTE
Benjamin Helsenberg

9 JNHC



À BEIRA DO ABISMO
Howard Hawks

10



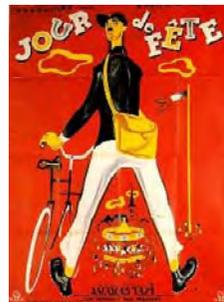
A REDE SOCIAL
David Fincher

17



PEEPING TOM
Michael Powell

22 R.E.A.



HÁ FESTA NA ALDEIA
Jacques Tati

23 R.E.A.



FÉRIAS DO SR. HULOT
Jacques Tati

24 R.E.A.



O MÁGICO
Sylvain Chomet

31 R.E.A.



36 VISTAS DO MONTE SAINT-LOUP
Jacques Rivette

ABRIL

7 R.E.A.



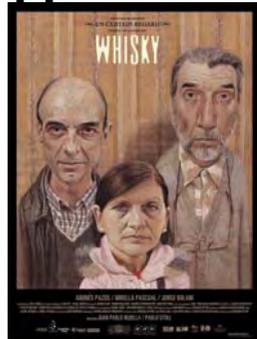
ANIKI BÓBÓ
DOURO FAINA FLUVIAL
Manoel de Oliveira

13 JNHC



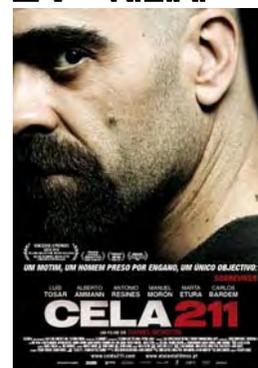
O GRANDE ESCÂNDALO
Howard Hawks

14 R.E.A.



WHISKY
Juan Pablo Rebella
Pablo Stoll

21 R.E.A.



CELA 211
Daniel Monzón

27



O SEGREDO DA PORTA FECHADA
Fritz Lang

28 R.E.A.



IRENE
Alain Cavalier

MAIO

5



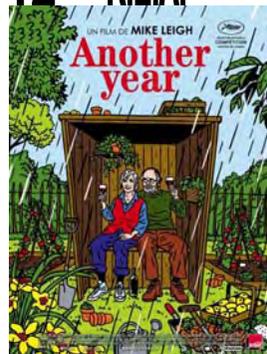
CISNE NEGRO
Darren Aronofsky

11 JNHC



400 GOLPES
François Truffaut

12 R.E.A.



UM ANO MAIS
Mike Leigh

19

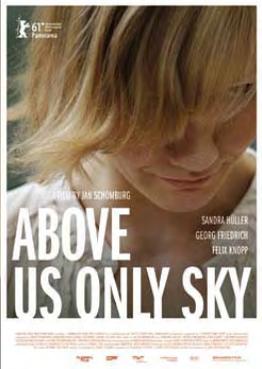
IndieLisboa



A ERVA DO RATO
Julio Brissane

20

25



ABOVE US ONLY SKY
Jan Schomburg



NEW YORK NEW YORK
Martin Scorsese

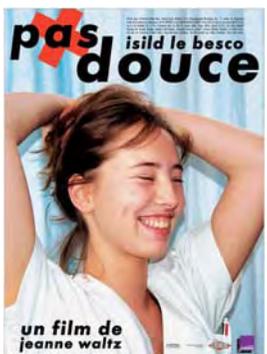
26 R.E.A.



A CIDADE DOS MORTOS
Sergio Trefaut

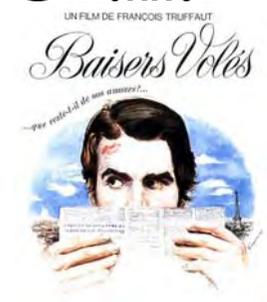
JUNHO

2 R.E.A.



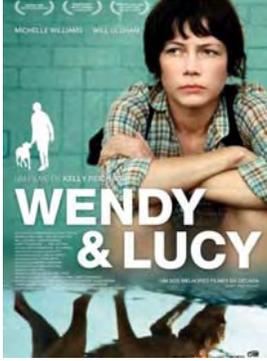
NADA MEIGA
Jean Waltz

8 JNHC



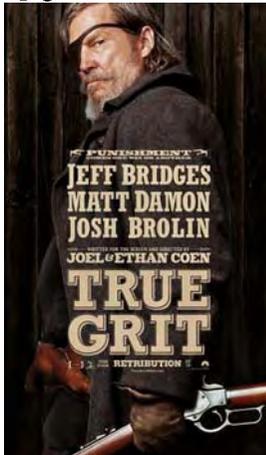
BEIJOS ROUBADOS
François Truffaut

9



WENDY AND LUCY
Kelly Reichardt

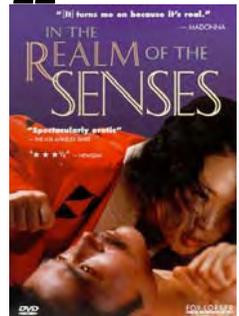
16



INDOMAVEL
Ethan e Joel Coen

As Feridas do Japão

22



IMPÉRIO DOS SENTIDOS
Nagisa Oshima

23



O BOM SOLDADO
Koji Wakamatsu

30



EXÉRCITO VERMELHO UNIDO
Koji Wakamatsu

JULHO

7 R.E.A.



FILME SOCIALISMO OS 2 DA (NOVA) VAGA
Jean-Luc Godard

8 R.E.A.



OS 2 DA (NOVA) VAGA
Emmanuel Laurent

13 JNHC



DOMICILIO CONJUGAL
François Truffaut

14



SOMEWHERE
Sofia Coppola

21 R.E.A.



OS SORRISOS DO DESTINO
Fernando Lopes

SETEMBRO

1



ROAD TO NOWHERE
Monte Helleman

Todo o José Álvaro Morais

7



ZÉFIRO
José Álvaro Morais

8 R.E.A.



O BOBO
José Álvaro Morais

15 R.E.A.



PINA
Wim Wenders

21



A CORDA
Alfred Hitchcock

22 R.E.A.



DOS HOMENS E DOS DEUSES
Xavier Beauvois

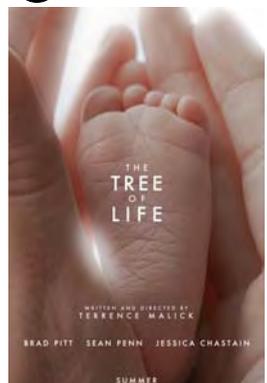
29 R.E.A.



O TIO BONNEMEE QUE SE LEMBRA...
Apichatpong Weerasethakul

OUTUBRO

6



A ÁRVORE DA VIDA
Terrence Malick

Todo o José Álvaro Morais

12



MA FEMME CHAMADA BICHO
José Álvaro Morais

19



PEIXE LUA
José Álvaro Morais

13 R.E.A.



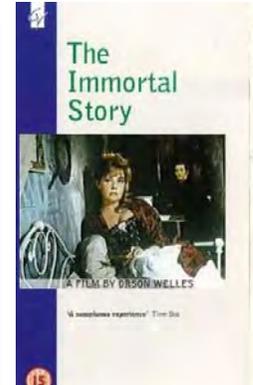
AURORA
Cristi Puiu

20 R.E.A.



TOURNÉE
Mathieu Amalric

26



UMA HISTÓRIA IMORTAL
Orson Welles

27 R.E.A.



48
Susana Sousa Dias

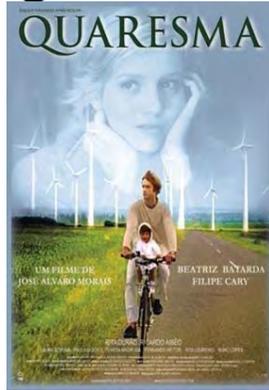
NOVEMBRO

3 R.E.A.



E O TEMPO PASSA
Alberto Seixas Santos

9



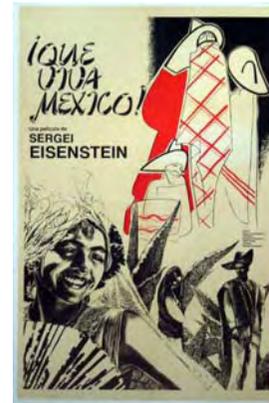
QUARESMA
José Álvaro Morais

10 R.E.A.



CARLOS
Olivier Assayas

16



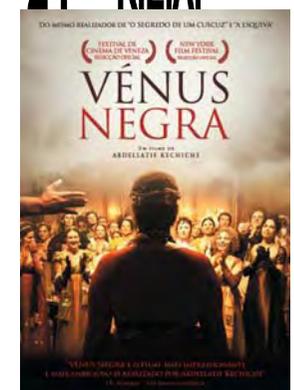
QUE VIVA MÉXICO!
Sergei Eisenstein

17 R.E.A.



TULPAN
Sergei Dvortsevov

24 R.E.A.



VÉNUS NEGRA
Abdel Kechiche

DEZEMBRO

1 R.E.A.



SANGUE DO MEU SANGUE
João Canijo

2 R.E.A.



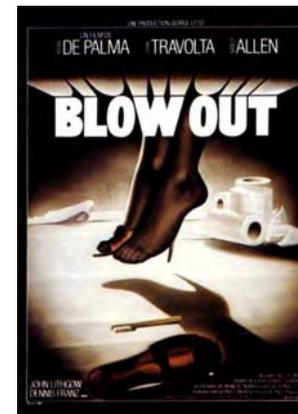
**TRABALHO DE ACTRIZ,
TRABALHO DE ACTOR**
João Canijo

8



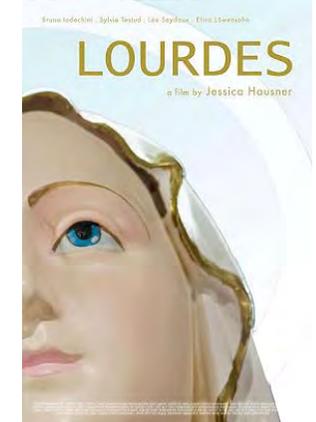
**CONFISSÕES DE UMA
NAMORADA DE SERVIÇO**
Steven Soderbergh

14



BLOW-OUT
Brian De Palma

15 R.E.A.



LOURDES
Jessica Hausner

Quem tem medo de Virginia Woolf? de Mike Nichols _ 18 de Janeiro de 2011

Martha e George são um casal de intelectuais de meia-idade com uma relação de amor-ódio. Depois de uma festa na casa do pai de Martha, o presidente da universidade onde George lecciona, o casal regressa à sua residência próxima. Já de madrugada, e bastante embriagados, eles recebem Nick e Honey, um jovem casal que também estava na mesma festa e mora longe. Quando os jovens chegam, estão também embriagados. Constrangidos com o clima tenso entre George e Martha, que acabaram de ter uma violenta discussão, eles recomeçam a beber junto com os seus anfitriões. Martha insinua-se abertamente a Nick e humilha George que, despeitado, "inventa" um tipo de "jogo da verdade", induzindo as pessoas a seu redor a confessar detalhes íntimos.

Exibição a propósito da edição de *Furious Love: Elizabeth Taylor, Richard Burton, and the Marriage of the Century*, com algumas das cartas que Richard Burton dirigiu a Elisabeth Taylor.

Imagine-se um jovem realizador a quem "sai na rifa" dirigir, logo à primeira obra, o casal de estrelas de cinema mais badalado da época, e receber a imprensa de todo o mundo logo no primeiro dia de filmagens. Imagine-se, em seguida, que esse filme adapta ao cinema uma peça que é tudo menos um produto óbvio para o "star system" que ainda é o centro da produção hollywoodiana, e que o faz sem cedências ao convencionalismo ou ao conservadorismo dominantes. Isto tudo para explicar que "Quem Tem Medo de Virginia Woolf?", êxito de bilheteira aclamado pela crítica, nomeado para treze Oscars da Academia e vencedor de cinco, é uma espécie de milagre: um filme notável onde tudo podia ter corrido mal (a começar pela reunião no ecrã do tumultuoso casal Elizabeth Taylor/ Richard Burton) mas onde tudo correu improvavelmente pelo melhor. O próprio Mike Nichols admite isso no comentário áudio: "Quem Tem Medo de Virginia Woolf?" foi uma "operação de guerrilha" no interior do sistema cada vez mais desagregado dos estúdios. Numa espécie de "prenúncio" da vaga de jovem cinema americano que começaria a desabrochar no ano seguinte com "Bonnie e Clyde", as circunstâncias conspiraram para um resultado final que conseguia ser inovador para o habitual da produção Hollywoodiana sem trair a crueza do material de origem nem destoar nas fachadas das salas populares. A peça de Edward Albee, estreada em 1962, encena um "jogo de massacre" à volta de um casamento dilacerado no espaço de uma noite. George, professor de história, e a sua mulher Martha, filha do presidente da universidade, recebem um casal recém-chegado que se torna testemunha e participante dos jogos psicológicos que George e Martha mantêm permanentemente, onde a verdade e a ficção estão constantemente a trocar de fronteiras e a humilhação verbal é a palavra de ordem. Viagem alucinante e claustrofóbica aos abismos de uma relação onde o amor e o ódio se cruzaram até já não se conseguirem distinguir, a peça foi bem servida por uma adaptação cinematográfica que manteve intacta a estrutura, construção e diálogos originais mas, segundo Nichols, «preencheu os vazios que não se podiam ver em palco». Nichols ainda não era então o cineasta de "A Primeira Noite", "Iniciação Carnal", "Anjos na América" ou "Perto Demais" - era apenas um homem do teatro que dava com "Virginia Woolf" os primeiros passos no cinema parecendo compreender intuitivamente o que diferenciava ambas as artes. A reprodução intacta do ambiente claustrofóbico da peça, com apenas quatro papéis principais, é feita através de uma alternância entre takes longos e cortes rápidos, grandes planos quase invasivos e composições de conjunto impecavelmente geridas, desorientando a espaços o espectador com câmaras ao ombro e zooms velozes. Mas os truques visuais nunca distraem do essencial - são as performances uniformemente extraordinárias dos actores que transportam o filme, e se foram Elizabeth Taylor e Sandy Dennis que levaram os Oscars para casa, seria escandaloso não mencionar as interpretações igualmente assombrosas de Richard Burton e George Segal.

Jorge Mourinha, Público



FAMALICÃO

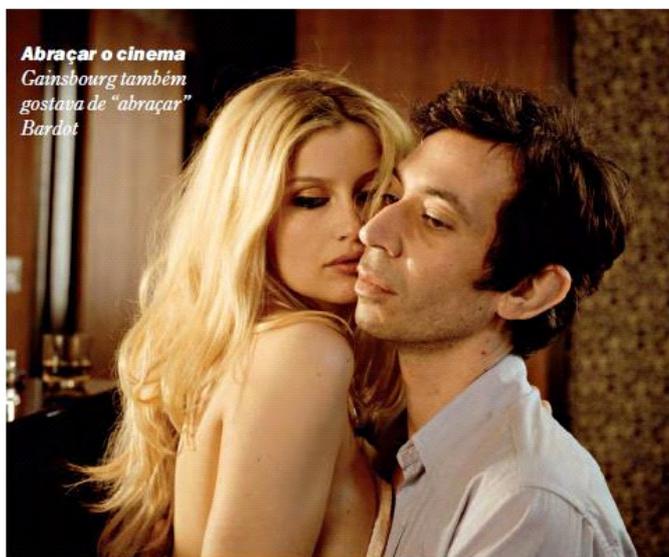
[abaixo: destaque na Time Out Porto de Janeiro de 2011]

Cinema Cineclube de Joane

Este é um cineclube que abraça todo o cinema, desde os clássicos aos últimos êxitos de bilheteira, até ciclos temáticos submetidos a temas ou realizadores específicos.

Nasceu há 12 anos, na vila de Joane, e hoje está instalado na Casa das Artes de Famalicão, somando associados dos concelhos limítrofes. Consegue saciar quem vive afastado dos grandes centros, ao mesmo tempo que promove *masterclasses*, filmes-concerto e conversas com realizadores.

Vitor Ribeiro, da direcção do cineclube, aponta o cinema português e de autor como dois dos principais eixos do cineclube. Ainda que 80% da programação viva de cinema dos últimos dois, três anos, fazem um esforço consciente por ir ao passado, até porque "não é possível ser-se



Abraçar o cinema
Gainsbourg também gostava de "abraçar" Bardot

cinéfilo sem procurar conhecer a história do cinema".

As sessões gratuitas "Já Não Há Cinéfilos?!" servem para isso mesmo, e este mês a honra cabe a *Quem Tem Medo de Virginia Woolf?* (1966) de Mike Nichols (terça, 18). O olhar virado para o passado permite ainda ligar os pontos necessários para percorrer ciclos temáticos. Na quinta-feira 6 (entrada livre), *O Vigilante* (1974) de Francis Ford Coppola inaugura um ciclo que "explora as obsessões do cinema de forma criativa". O núcleo da programação deste mês fica completo com *Gainsbourg* (2010) de Joann Sfar, *Lola* (2009) de Brillante Mendoza e *Vão-me Buscar Alecrim* (2009) dos irmãos Safdie. A quota mensal de sócio fica nos 3,50€. Traduzindo: paga menos de 1€ por cada filme.

HAWKS_Génio em todos os Géneros

Howard Hawks foi um dos maiores cineastas do período clássico e dourado de Hollywood. Olhado por muita gente como um eficaz tarefeiro, os *Cahiers du Cinema*, na sua incontornável reavaliação da História do Cinema, souberam recolocar Hawks no pódio como um dos maiores autores. Este ciclo de três filmes exhibe claramente a sua versatilidade e genialidade em volta de todos os géneros: a *screwball comedy* em **O Grande Escândalo** (1940) às voltas com o mundo caótico do jornalismo, protagonizado por Cary Grant e Rosalind Russell; o *film noir*, **À Beira do Abismo** (1946), interpretado pela dupla maravilha Bogart / Bacall; um dos maiores westerns, **Rio Bravo** (1959), com John Wayne, Dean Martin e a esplendorosa Angie Dickinson.

Nestes filmes também perpassa uma incessante guerra dos sexos, uma das especialidades de Hawks.

Cineclube de Joane, Fevereiro de 2011



RIO BRAVO (1959, 136 min.) _ 9 de Fevereiro de 2011

Um dos mais famosos westerns de sempre, e a obra-prima de Howard Hawks, que o fez em resposta a *HIGH NOON* de Zinnemann.

Um grupo de homens com uma missão a cumprir é o tema geral dos filmes de aventuras de Hawks, neste caso a de manter a ordem numa pequena cidade, e levar a julgamento um assassino.

Mas é também, como todos os filmes do realizador, uma fabulosa variação sobre a "guerra dos sexos", com um fabuloso duelo verbal entre Wayne e Angie Dickinson.

Cinemateca Portuguesa



À BEIRA DO ABISMO / The Big Sleep (1946, 114 min.) _ 9 de Março de 2011

Hawks realizou obras-primas em quase todos os géneros principais do cinema americano: musicais, westerns, filmes de gangsters, comédias malucas, filmes "negros". *THE BIG SLEEP* é a quintessência do filme "negro", que por sua vez é uma forma de quintessência do cinema, pois estes são filmes cuja acção não tem causas claras, filmes "de ambiente"

e de fobias, com personagens criminosos e mulheres traiçoeiras. Estes filmes têm uma estética muito definida: fotografia fortemente contrastada, acção predominantemente nocturna, jogos de luz e sombra. *THE BIG SLEEP*, cuja trama narrativa é quase inextricável.

Cinemateca Portuguesa



O GRANDE ESCÂNDALO / His Girl Friday (1940, 88 min.) _ Abril de 2011

Considerada por muitos a melhor das comédias de Howard Hawks (*As Duas Feras*, *Fizeram-me Passar Por Mulher*), **O Grande Escândalo** foi adaptado do êxito da Broadway de Ben Hecht e Charles MacArthur, 'The Front Page', com o argumento escrito por Charles Lederer.

Hawks mudou o sexo de um dos protagonistas masculinos e transformou a paródia aos jornais e aos tubarões das notícias numa hilariante e sofisticada guerra dos sexos. Quando a grande repórter Hildy Johnson (Rosalind Russell) anuncia que vai deixar o mundo do jornalismo para se dedicar à vida doméstica com o seu desinteressante noivo (Ralph Bellamy), o seu exigente editor e ex-marido Walter Burns (Cary Grant) está determinado em mantê-la na redacção, e reconquistar o seu coração.



Os Quatrocentos Golpes / Les Quatre Cents Coups (1959)

Antoine et Colette (1962)

Beijos Roubados / Baisers Volés (1968)

Domicílio Conjugal / Domicile conjugal (1970)

O Amor em Fuga / L'amour en fuite (1979)



ANTOINE DOINEL, UMA CRIATURA ABENÇOADA PELO CINEMA

Ciclo incluído na rubrica *Já Não Há Cinéfilos?!*, que integra a série de 5 filmes (4 longas e uma curta) que François Truffaut concebeu e realizou e que Jean-Pierre Léaud interpretou.

Vida Paralela

Por Luís Miguel Oliveira, Y de 8 de Janeiro de 2010

Truffaut nunca disse “Doinel, c’est moi”, mas esteve quase a dizer “Doinel, c’est Léaud”, e entre o que é “moi” e o que é “Léaud” se joga muita da singularidade da série centrada na personagem de Antoine Doinel.

Antoine Doinel foi a mais recorrente personagem de François Truffaut. Não se tratava propriamente de um “alter ego” ou de um “duplo”, mas ao mesmo tempo não deixava de o ser. Alguém em quem se Truffaut se projectava, muito ou pouco conforme as circunstâncias, mas também “amigo imaginário”, ou um “filho” de existência apenas cinematográfica.

Em que também conta, e muito, o facto de o intérprete de Doinel ter sido sempre esse “ex-Libris” de Truffaut em particular e da “nouvelle vague” em geral, Jean-Pierre Léaud: Truffaut nunca disse “Doinel, c’est moi”, mas esteve quase a dizer “Doinel, c’est Léaud”, e entre o que é “moi” e o que é “Léaud”, como se imiscuem e como se cindem, se joga muita da singularidade da série centrada na personagem de Antoine Doinel.

Quatro longas-metragens e uma curta (*Antoine e Colette*), realizadas num período de vinte anos (entre 1959 e 1979), retratando diferentes etapas da vida (sentimental, sobretudo) da personagem de Doinel. A adolescência (*Os Quatrocentos Golpes*, 1959); as paixonetes ainda adolescentes (*Antoine et Colette*, 1962); a descoberta do amor adulto (*Beijos Roubados*, 1968); o casamento (*Domicílio Conjugal*, 1970); e a ruptura (*Amor em Fuga*, 1979). Vemo-la hoje como uma série fechada, mas Truffaut tinha planos para continuar as “aventuras” de Doinel enquanto continuasse a realizar filmes. Só que morreu prematuramente em 1984, cinco anos depois de *Amor em Fuga*, e a vida sentimental de Antoine Doinel ficou interrompida no momento da “ruptura”, quando tinha, contando pela idade de Léaud nessa altura, uns meros 35 anos.

Evidentemente, se há elementos autobiográficos disseminados por estes filmes, isso não faz deles mais “pessoais” ou “confessionais” do que a maior parte da outra vintena de filmes realizada por Truffaut - o seu “testamento”, biográfico, intelectual, poético, está espalhado por toda a sua obra, de resto abundante em rimas, jogos de espelhos, e “fintas” na relação com a vida pessoal (foi a esse pretexto que se deu a zanga definitiva entre ele e Godard, nos anos 70). Que essas rimas, que existem dentro dos “filmes Doinel”, facilmente se abrem para fora deles provam-no os “flash backs” de *Amor em Fuga*, onde pelo menos uma cena é recuperada (e “desviada”) da *Noite Americana*.

Mas nada disto obsta à pertinência de uma edição como esta, que reúne todos os “filme Doinel” e dá consistência efectiva a uma ideia de “série”. Potencia, além do mais, uma das suas características principais, um sentimento crescente de familiaridade que não anda longe de recuperar uma lógica folhetinesca. Com elipses e buracos, no que é outra característica da série acentuada pela visão de conjunto, até porque a cada reencontro os actores estão mais velhos, Paris está um pouco diferente, a própria imagem, no sentido mais material do termo, tem qualidades diferentes, no limite o próprio cinema de Truffaut vai mudando. “As aventura de Antoine Doinel” também são vinte anos revistos elipticamente, numa crónica pontual que funciona a vários níveis - e onde o mais impressionante e o mais comovente é mesmo o crescimento e amadurecimento de Léaud entre a adolescência dos *Quatrocentos Golpes* e a idade de homem feito por altura do *Amor em Fuga*. A maneira como Léaud habita estes filmes ajuda a perceber referia Truffaut quando dizia que Doinel foi ficando “cada vez mais Léaud e cada vez menos Truffaut” – a um nível não especialmente rebuscado, é quase uma “co-autoria” (e isto sem falar da lindíssima Claude Jade, por quem, num efeito autobiográfico “ao contrário”, Truffaut se teria apaixonado, já depois de a ter escolhido para ser a par do seu “duplo”...)



19 de Maio – Heroi Indie – Júlio BRISSANE: A Erva do Rato (2008)

Livremente inspirado em "A Causa Secreta" e "Um Esqueleto", de Machado de Assis, **A Erva do Rato** funde dois elementos dos contos: a relação do homem com a morte e a incompreensível relação que estabelece com os animais. Ele e Ela caminham por um cemitério à beira-mar. Os pronomes são seus nomes. Ela, professora, com o pai morto há apenas três dias, não tem mais ninguém no mundo. Diante de tal situação, Ele se propõe a cuidar dela enquanto for vivo. Este é o início de uma estranha relação.

Filme apresentado no Festival de Veneza.

Júlio Bressane é o nosso herói

Ipsilon, 18 de Março de 2011

Uma retrospectiva com 17 dos seus 29 filmes foi o meio encontrado pelo IndieLisboa para homenagear o cineasta brasileiro Júlio Bressane, o "herói" da edição deste ano do Festival Internacional de Cinema Independente. De 5 a 15 de Maio, a 8.ª edição do Indie vai mostrar a sua programação nas salas lisboetas do Cinema São Jorge, da Culturgest, do Teatro do Bairro e, pela primeira vez, da Cinemateca Portuguesa. É precisamente na Cinemateca que o público poderá ver grande parte da obra de Júlio "Herói Independente" Bressane, 65 anos, nome de referência do chamado Cinema Marginal brasileiro e fundador, em 1970, com o cineasta Rogério Sganzerla, da Belair Filmes, empresa destinada à produção rápida de filmes com baixos orçamentos. Os filmes da Belair, diz o historiador de cinema Fernão Pessoa Santos, citado no material de divulgação do festival, são dominados por "um clima de desespero": "A atracção pelo abjecto (sangue, vômito, lixo e outras substâncias escatológicas) é recorrente. São filmes que mostram uma juventude que responde, à sua maneira, aos horrores e temores de uma época difícil e autoritária, esboçando uma relação de agressão com o espectador, que impede à consciência burguesa a fruição do espectáculo do cinema." Bressane, que viu um dos seus filmes



censurado e que durante três anos trocou o Brasil da ditadura por Londres, começa a sua retrospectiva portuguesa com "O Anjo Nasceu" (1969) e termina, já em 2008, com "A Erva do Rato". Pelo meio há títulos como "Matou a Família e foi ao Cinema" (1969, o filme censurado), "Memórias de um Estrangulador de Loiras" (1971), "Cinema Inocente" (1979) e "Quem seria o feliz conviva de Isadora Duncan?" (1990).

20 de Maio – Filmes em Competição – Exibição de Filmes Premiados

ABOVE US ONLY SKY de Jan Schomburg

A tradição ainda é o que era

Jorge Mourinha, Público

A competição internacional "descola" na segunda metade com três filmes de forma mais clássica e atitude "indie": "Memory Lane", "Above Us Only Sky" e "Morgen"

(...) Aliás, os outros dois ótimos filmes desta segunda leva trabalham igualmente dentro das convenções mainstream - são "indie" na atitude de subverter os lugares-comuns, de se instalarem de armas e bagagens no "padrão" da narrativa clássica para melhor a corroerem por dentro.

É isso que o estreante alemão Jan Schomburg faz ostensivamente em "Above Us Only Sky", onde aproveita o talento sem fim da grande actriz que é Sandra Hüller para contar a história aparentemente simples de uma professora de liceu de Colónia à beira de se mudar para Marselha com o marido que acaba de completar o seu doutoramento em medicina. Só que, dentro da estrutura convencional da narrativa clássica em três actos, Schomburg introduz becos sem saída e pistas falsas, sugere conspiração, mistério, sobrenatural e psicose para nos devolver sempre a uma realidade sempre muito mais estranha que a ficção.

Não será boa ideia revelar mais do que se passa em Above Us Only Sky porque corremos o risco de estragar ao espectador as surpresas que o filme encerra e que Schomburg navega de modo seco. Mas podemos dizer que esta história de uma mulher que se procura resgatar do abismo da dor e da perda é deliberadamente contada aos ziguezagues sem que nunca sintamos que estamos a ser manipulados cinicamente, graças à evidente afeição do realizador alemão pelas suas personagens e à interpretação assombrosa de Sandra Hüller, senhora actriz que não conhecemos suficientemente em Portugal.



Em complemento, Paris Shanghai de Thomas Cailley [Prémio do Público – Melhor Curta-metragem]

01.05 – SÉRGIO TREFAUT na apresentação de *A Cidade dos Mortos*



Sérgio TREFAUT

presente na sessão de apresentação do filme
A Cidade dos Mortos
(26 de Maio)

Serge e o espírito de um cemitério

Vasco Câmara, Público de 24 de Abril de 2010

Serge Tréfaut foi ao Cairo filmar um cemitério que é uma cidade dentro da cidade. Um filme cheio de espírito.

Depois de "vários filmes íntimos, muito pessoais" - "Fleurette", um "verdadeiro filme de família", ou mesmo "Lisboetas" -, Serge Tréfaut quis filmar lá longe, "retratar o distante". Mesmo acreditando que "quando estamos a filmar no Paquistão ou a fazer um filme sobre a padeira de Aljubarrota, estamos a fazer um filme sobre nós".

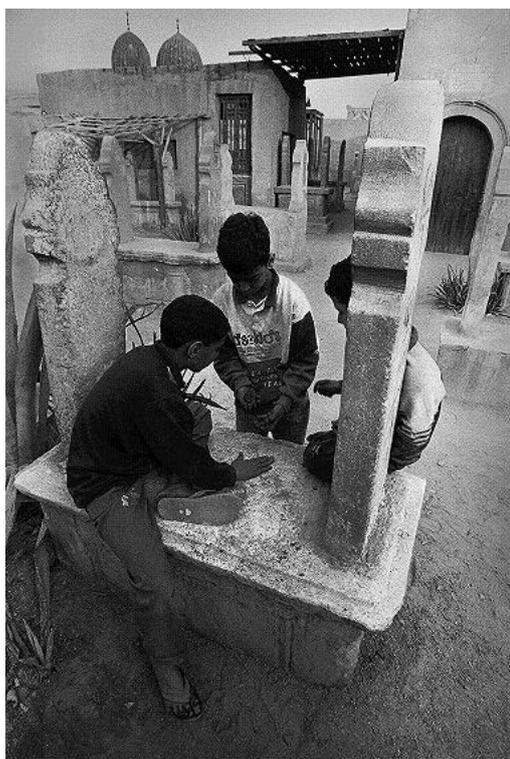
No caso concreto, "longe", em "A Cidade dos Mortos", é um cemitério no Cairo. Uma cidade dentro da cidade. Entre túmulos ou dentro dos túmulos monta-se a casa - que várias vezes é preciso desmontar por causa de um funeral, mas a seguir volta-se a pôr a mesa ou a fazer a cama sobre o local onde jaz, novinho em folha, o morto. É uma cidade paralela: o resto do Cairo circula à volta não querendo reparar, "é como um tabu, é pior do que viver numa favela no Brasil".

"Aquele, no filme, é o 'meu' cemitério do Cairo, é a expressão daquilo que sinto". Eis o tão longe, tão perto de Tréfaut. "Onde me encontro é nesta simultaneidade: a consciência da materialidade das coisas, a podridão da carne, o estarmos próximos dos vermes, e uma enorme capacidade espiritual daquelas pessoas, uma enorme fé e energia na vida. Uma noção da finitude das coisas sem resignação nem niilismo".

Não há sombra de niilismo em "A Cidade dos Mortos", isso é verdade. Há até uma energia pícara, que transportam as figuras (não chegam a ser personagens...) com que a câmara se cruza. E algo próximo de um certo neo-realismo fantasista: aquela sequência em que o circo chega ao cemitério não podia vir de "La Strada", de Fellini?

Pícara, no mínimo, terá sido a aventura para montar o filme. É forçoso resumir: o argumento, "o conceito", data de 2003, primeiras imagens em 2004, para chegar a um "trailer" que interessasse produtores, mas a coisa ficou suspensa entre 2005-2006 porque não havia nem produtores nem autorização para filmar. Tréfaut insistiu em 2007, com um "cast" local para seleccionar produtores executivos, mas a falta de autorizações faria incorrer em ilegalidade qualquer egípcio interessado. "Eu podia filmar ilegalmente, eles não, por mais que quissem".

E em Agosto de 2007 Serge partiu, mesmo assim, para o cemitério. As primeiras imagens captadas documentam a entrada da caravana de circo e dos fantoches. Hoje, perante "A Cidade dos Mortos", percebe-se que esse encontro foi crucial. Como crucial é um dos "artifícios" encontrados para contornar um problema que se ia evidenciando: as idas e vindas, espaçadas no tempo, não permitiam dar dimensão de personagens às figuras; o próprio cemitério parecia resistir a mostrar a sua singularidade, mostrava-se como "cidade" igual às outras. O artifício de que falamos é a voz "off", que costuma ser bengala habitual nos documentários. Aqui é preciosa: enche o filme de ressonâncias e de espírito(s). É o espírito deste lugar.



Cineclube de Joane

CINEMA PARAÍSO

www.cineclubejoane.org

22h00

entrada livre

julho.11



SEIDE S. MIGUEL
Centro de Estudos Camilianos
22_ VAIS CONHECER O HOMEM DOS TEUS SONHOS

SEZURES
Capela S. Vicente
23_ IMPARÁVEL

FAMALICÃO_ Praça 9 de Abril
28_ TEMPOS DE VERÃO
29_ O SITIO DAS COISAS SELVAGENS

30_ WATCHMEN - OS GUARDIÕES

31_ UM LUGAR PARA VIVER



Parceiros Projecto apoiado pelo MC / ICA



INATEL
FUNDAÇÃO



FAMALICÃO
Centro de Estudos Camilianos



CASA DE ARTES
INSTITUTO MUNICIPAL DE CULTURA E AUDIOVISUAL



CASA DE CAMILO



ICA
INSTITUTO DE CINEMA E AUDIOVISUAL



MC
MINISTÉRIO DA CULTURA

O Cineclube de Joane promove, desde o Verão de 1999, sessões de Cinema ao Ar Livre numa iniciativa denominada **CINEMA PARAÍSO**. Este ano, na sua 12.^a edição, além das sessões na **Praça 9 de Abril**, no centro de Famalicão, prossegui a sua itinerância pelo concelho (presente em mais de 20 freguesias e empreendimentos habitacionais ao longo das anteriores edições) com sessões em **Seide S. Miguel** e **Sezures**. A edição deste ano contou com mais um parceiro institucional: a Fundação INATEL, que se junta, assim, à Câmara Municipal de Famalicão e ao Instituto do Cinema e do Audiovisual.

NOTICIÁRIO ATUALIZADO
www.jn.pt/cultura

DEMISSÃO

Centro de Artes da Figueira da Foz sem director artístico

CULTURA

Cinema fora de portas

Cineclube de Joane já levou filmes a metade das freguesias do concelho de Famalicão

ALEXANDRA LOPES
cultura@jn.pt

O Cineclube de Joane, em Famalicão, andou com a "casa às costas" para levar cinema ao ar livre a várias freguesias do concelho. O Cinema Paraíso complementa a actividade regular do Cineclube de projecção semanal de filmes de autor, na Casa das Artes.

Juvenal Veloso foi ao cinema no fim-de-semana... em plena Praça 9 de Abril, no centro da cidade de Famalicão. Experimentou uma vez e voltou no dia seguinte. Afinal, não é todos os dias que há cinema ao ar livre.

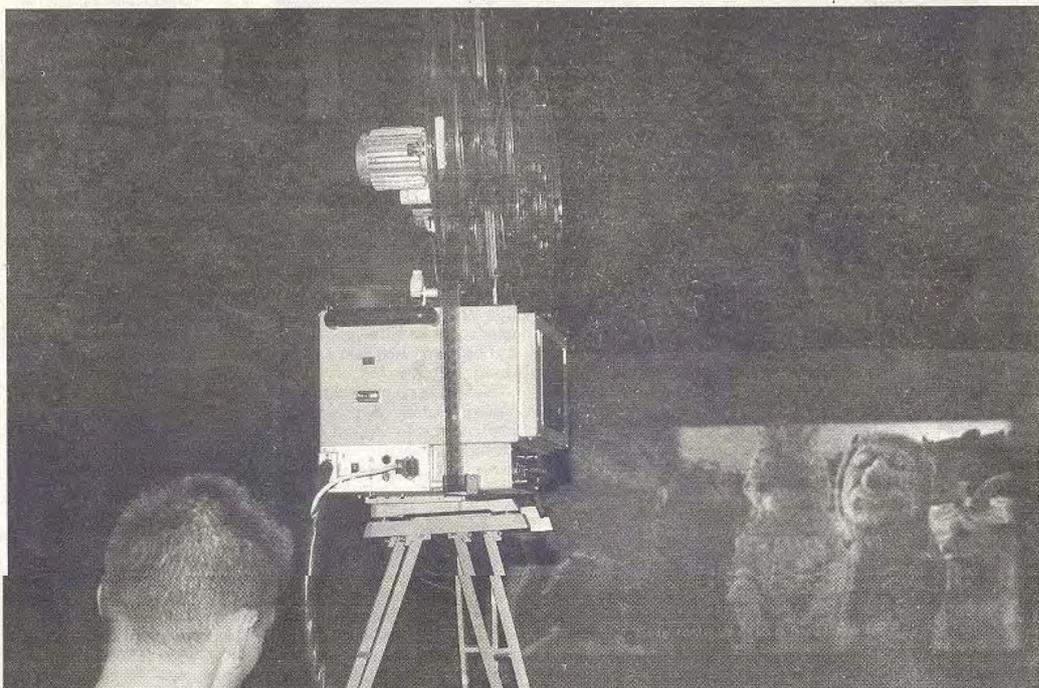
É o Cinema Paraíso, iniciativa que o Cineclube de Joane leva a vários locais. Sezures, no extremo do concelho, foi a última freguesia onde esteve o cinema ao ar livre. Bem lá no pico do Monte de S. Vicente. "É uma freguesia na extremidade do concelho, onde ninguém vai e nós fomos ao ponto mais alto da freguesia. Fomos ao Monte da Capela de S. Vicente", adiantou Vítor Ribeiro, presidente do Cineclube de Joane.

O Cinema Paraíso existe há 12 anos, mas, mesmo assim, ainda há quem não conheça a iniciativa. Outros têm conhecimento dela por acaso, como aconteceu com Juvenal. Foi o primeiro ano que assistiu a uma sessão de cinema ao ar livre, pois, apesar de morar no centro da cidade, nunca se tinha cruzado com este tipo de sessões.

Aconteceram durante o mês de Julho, percorrendo o concelho na tentativa de ir ao encontro dos mais improváveis espectadores e locais. "Gostei, acho que é uma boa iniciativa por tudo. Pelo convívio, pelos filmes e por ser cinema ao ar livre. É sempre mais agradável do que estar fechado numa sala", adiantou.

Uns ficaram, outros não

Ali, a poucos metros da zona de bares das cidades, a tela, a máquina de projecção e as cadeiras na praça chamaram a atenção de quem passou. Uns pararam e espreitaram. Uns iam ficando, outros não. Sofia e Rui andavam a passear quando se cruzaram com o cinema. "Estávamos a passear e vimos aqui isto. Viemos ver e ficamos a ver o filme porque somos aprecia-



Apesar de se realizarem há 12 anos, as sessões de cinema ao ar livre em Famalicão ainda passam despercebidas a algumas pessoas

Organização tem como principal vocação mostrar filmes de autor

O Cineclube de Joane tem como actividade principal a programação de cinema de autor, às quintas-feiras, no pequeno auditório da Casa das Artes. É a única exibição cinematográfica em Vila Nova de Famalicão, já que não existem salas de cinema no concelho.

Vítor Ribeiro considera "paradoxal" um concelho com cerca de 150 mil habitantes não ter salas de cinema comercial. Por isso, o Cineclube é a única entidade que exhibe cinema regularmente.

O Cineclube de Joane "mete férias" durante o mês de Agosto, mas retoma a sua programação regular em Setembro. Logo no dia 1, passa o filme "Road to nowhere – sem

destino", de Monte Hellman, sendo que no dia 4 começa o ciclo "Todo o José Álvaro Morais", com a película "Zéfiro". No dia 8, passa "O bobo". Este ciclo prolonga-se pelos meses de Setembro, Outubro e Novembro, com a exibição de toda a filmografia do realizador.

Já na semana seguinte começa um novo ciclo de cinema – a "Obsessão" – com a exibição de "A corda", de Alfred Hitchcock. No dia seguinte, passa o filme "Dos homens e dos deuses", de Xavier Beauvois. A programação de Setembro termina com o filme "O tio Boonmee que se lembra das suas vidas anteriores", de Apichatpong Weerasethakul, que ganhou a palma de ouro no Festival de Cannes.

O Cineclube nasceu na vila de Joane, tendo começado a exhibir filmes no auditório do Centro Cultural de Joane. Surgiu para dar a conhecer cinema e possibilitar o conhecimento da história do cinema.

dores de cinema", contaram, frisando que sempre que tiverem oportunidade vão participar. "É uma iniciativa interessante pelo contexto diferente, que pode até gerar maior concentração de pessoas", notou Rui.

"Ai, estava só a ver o que era. Nunca tinha visto", dizia uma transeunte que passava na Praça 9 de Abril e resolveu espreitar para perceber o motivo de estarrem todos a olhar para uma tela. "Sabia que se passava alguma coisa porque vi ali a Polícia Municipal a cortar o trânsito. Por isso vim ver o que era", disse ainda.

Chegar a todo o concelho

O Cinema Paraíso chegou praticamente a metade das freguesias do concelho de Famalicão e o intuito da organização é conseguir chegar a todas, ou seja 49. "Além de tentarmos levar o cinema às pessoas, também divulgamos a

nossa marca, até porque somos a única entidade que programa cinema regular em Famalicão", diz Vítor Ribeiro.

Segundo explicou o responsável, a logística resulta de uma conjugação de esforços entre o Cineclube e os seus dirigentes, que

Iniciativa existe há 12 anos, mas, ainda assim, muitas pessoas não a conhecem

montam as estruturas, e a Câmara Municipal, que cede o projecto e as cadeiras. Adiantou que há uma "conjugação de espectadores" nas sessões de cinema ao ar livre. Misturam-se caras habituais das sessões semanais, gente que vai a passar e fica e alguns que vão para determinado filme. ■

rubrica **LUA VAGA**, inserida no projecto **CLARABOIA**
[Casa do Professor de Braga, sessões com apresentação e debate]

Reposição do Ciclo **CINEMA É OBSESSÃO!** (ver 01.01.01)

Ciclo *Allen Procura Bergman*

cruzamento da filmografia dos dois cineastas,
com a exibição dos filmes *Lágrimas e Suspiros* (1972), *Saraband* (2003)
de Ingmar BERGMAN; dos filmes *Intimidade* (1978) e *Ana e as Suas Irmãs*
(1986) de Woody ALLEN



Ciclo de periodicidade mensal, com reposição de alguns dos filmes mais relevantes, produzidos nos últimos 2 anos
(sessões com apresentação e debate / entrada livre)

SHIRIN de Abbas KIAROSTAMI
NÃO TOQUEM NO MACHADO de Jacques RIVETTE
CADA UM O SEU CINEMA (Festival de Cannes)
TONY MANERO Pablo LARRAÍN
FANTASIA LUSITANA de João CANIJO

[ao lado: destaque do Jornal de Notícias de 1 de Fevereiro de 2011]

ARTES EM PROJEÇÃO

A Casa da Galeria, com a colaboração do Cineclube de Joane, pretendem constituir uma programação regular de obras cinematográficas que olham, que se inspiram, que analisam e que dialogam com outras formas de arte. No último trimestre de 2011, programaremos um conjunto de curtas-metragens produzidas no âmbito da última edição do FantasPorto e que obtiveram o apoio da Escola de Belas Artes do Porto e da Universidade Católica, através da concretização dos documentários da autoria dos alunos da licenciatura em Som e Imagem daquela universidade.

Programação (sessões às 16h00)

- 29.** Outubro - **AUGUSTO CANEDO – Corpo e Alma** (14'35") + **FERNANDO PINTO COELHO** (23'28")
26. Novembro - **ZULMIRO DE CARVALHO** (17'15") + **PAULO NEVES – CUCUJÃES, O CENTRO DO MEU MUNDO** (17'41")
17. Dezembro - **ALBERTO PÉSSIMO** (22'33") + **ARMANDO ALVES** (12'51").

36 | JORNAL DE NOTÍCIAS | VIVA + |
1/02/2011

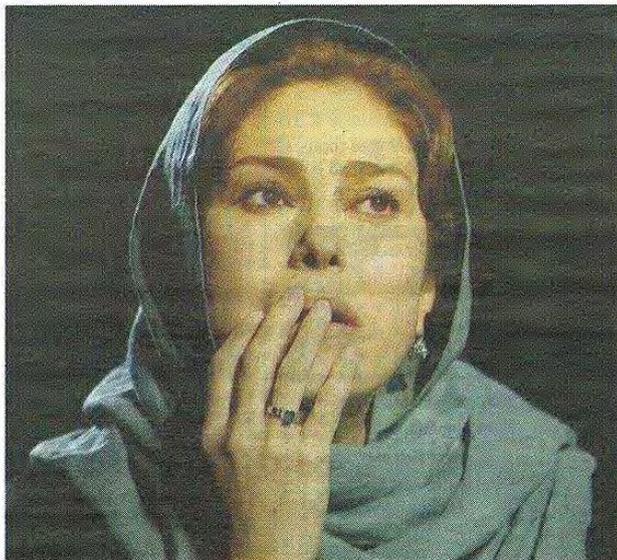


TRÁNSITO

Veja em tempo real o estado do tráfego nas v

Ú T I L & F Ú T

TOME NOTA



Santo Tirso As 114 mulheres de Abbas Kiarostami

Concluído o ciclo de cinema dedicado ao belga Agnès Varda, a Casa da Galeria, em parceria com o Cineclube de Joane, propõe passar os dez filmes mais marcantes de 2010. A apresentação do filme inicial do ciclo está marcado para as 16 horas de sábado, com entrada livre. Abbas Kiarostami encena "A história de Khosrow e

Shirin", um poema persa do século XII sobre os amores de uma princesa arménia pelo rei da Pérsia e sobre o triângulo amoroso que se forma quando Shirin conhece Farhad. A encenação é seguida pelo olhar de 114 mulheres sentadas numa sala de espetáculos - 113 actrizes iranianas de quatro gerações e a europeia Juliette Binoche.

Cineclube de Joane / PLANO DE ACTIVIDADES

02 – PLANO DE ACTIVIDADES – TEXTO



02.01.01 ciclo **WERNER HERZOG** – Até ao Fim do Mundo

02.01.02 ciclo **JIA ZHANG-KE** - A China em Transformação

02.01.03 ciclo **António Campos**

02.01.04 ciclo O Cinema de **TENESSEE WILLIAMS**

02.02. Programação **Semanal de Cinema de Autor**

02.03. Rede de **Exibição Alternativa** – R.E.A. / I.C.A.

02.04. **Já Não Há Cinéfilos?! KUROSAWA / VISCONTI / RAY**

02.05. **Extensões de Festivais de Cinema**

02.05.01. **CINANIMA** – Festival Internacional de Cinema de Animação de Espinho

02.05.02 **INDIELISBOA** – Festival Internacional de Cinema Independente de Lisboa

02.05.03 **DOCLISBOA** – Festival Internacional de Cinema Documental de Lisboa

02.06. **Festa Mundial da ANIMAÇÃO**

02.07. **Masterclasses, Debates: O CINEMA PORTUGUÊS em Destaque**

02.08. **Cinema para as Escolas**

02.09. **A Boceta de Pandora - Filme-Concerto (Estreia / Encomenda)**

02.10. **Cinema Paraíso**

02.11. **O Homem da Câmara de Filmar**

02.12. **P.I.C.** – Programa de Itinerância Cinematográfica

02.13. **Página na Internet**

02.14. **Edição do Boletim Mensal – Remodelação**

02.01.01 – ciclo WERNER HERZOG – ATÉ AO FIM DO MUNDO

Da geração órfã do cinema alemão, no final dos anos 60, brotou Werner Herzog, cineasta singular. Afamado pelas rodagens impossíveis, pelos conflitos com Klaus Kinski, protagonista de 5 dos seus filmes, o fascínio pela obra de Herzog revela um alcance muito mais vasto: o cineasta empreendeu um percurso orientado para a construção de um conjunto de obras reveladoras do mundo, da civilização e da linguagem. Este interesse antropológico, revelador de uma paixão pelo mundo, permite-nos viajar até ao local mais remoto e inóspito do planeta, interagir com os últimos representantes de uma tribo ou de um ofício particular, o que nos conduz, por vezes simultaneamente, ao fim do mundo, à criação e a contextos que roçam a ficção científica. Num património de imagens e sons inigualável, Herzog procura, de forma perseverante, nas paisagens e nos rostos, o que ele designa por “verdade extática”, um espanto encantado, um grito que vem das imagens. 14 filmes que percorrem mais de 30 anos de produção, distribuídos por 7 sessões, onde a ficção e o documentário se unificam indistintos, num programa montado em colaboração com o Goethe Institut.

Cineclub de Joane, Janeiro de 2012



ALÉM DO AZUL SELVAGEM [*The Wild Blue Yonder*] (81 min., 2005)

Um extraterrestre relata a sua fuga de um planeta congelado numa galáxia longínqua; discorre sobre as tentativas de se estabelecer na Terra e por fim revela o seu conhecimento secreto, conseguido também pela CIA acerca de uma viagem em direcção oposta. Na busca por um novo habitat, cinco astronautas viajam pelo universo e exploram o planeta abandonado, “além do azul selvagem”. Quando retornam após 820 anos, a Terra está inabitada.



LIÇÕES DA ESCURIDÃO [*Lektionen in Finsternis*] (55 min., 1992)

Vários anos depois de “Fata Morgana”, Herzog volta a observar o deserto como uma paisagem com voz própria. Virtualmente desprovido de comentário, as imagens concentram-se no rescaldo da primeira Guerra do Golfo, especificamente nos incêndios dos campos de petróleo do Kuwait. Pouco antes da segunda Guerra do Golfo, tropas iraquianas incendiaram campos de petróleo e terminais durante sua retirada do Kuwait. Herzog e seu cinegrafista tentam registar o inconcebível, o apocalipse, através de suas imagens.

FATA MORGANA (79 min., 1970)

Dividido em três capítulos: Criação, Paraíso e A Idade do Ouro. Contado por três diferentes narradores alemães: a historiadora de cinema Lotte Eisner, Eugen Des Montagnes, e Wolfgang von Ungern-Sternberg. O termo tomado para título, Fata Morgana, refere-se a miragens, e é um bom título para a obra filmada nos desertos do Norte de África. Trata-se de uma sucessão rítmica e musical de imagens e cenas curtas.



O GRANDE ÊXTASE DO ENTALHADOR STEINER [*Die grosse Ekstase des Bildschnitzers Steiner*] (47 min., 1973)

Um retrato incomum do ex-campeão mundial de salto de esqui, Walter Steiner. No centro do filme está a competição de Steiner na Semana Internacional de Salto de Esqui na grande rampa de Planica (Eslovénia) em Março de 1974.

LA SOUFRIÈRE (31 min., 1977)

Herzog leva uma equipa de filmagens para a ilha de Guadalupe quando sabe que o vulcão da ilha vai entrar em erupção. Toda a gente abandonou a ilha, excepto um velho que recusa partir.

WERNER HERZOG – RETRATO DE UM DIRETOR [*Werner Herzog – Filmemacher*] (30 min., 1986)

Curta-metragem autobiográfica. Inclui excertos e comentários sobre vários filmes de Herzog e material de arquivo de uma conversa entre ele e a sua mentora Lotte Eisner. E ainda imagens de uma discussão com o montanhista Reihold Messner, onde se esgrime o projecto futuro de um filme nos Himalaias com Klaus Kinski.

HOW MUCH WOOD WOULD A WOODCHUCK CHUCK? (45 min, 1976)

Observações sobre o Campeonato Mundial dos Leiloeiros de Gado, realizado em 1975, em Fort Collins, no Colorado. Herzog observa a ladainha dos leiloeiros, que o leigo mal entende. Para o realizador, a linguagem deles, cujo som lembra o de um berimbau, tem “algo de assustador e fascinante” e poderia “ser a última poesia lírica imaginável”.



FÉ E MOEDA [*Glaube an die Währung*] (44 min, 1980)

O filme gira em torno da figura do Doutor Gene Scott, um dos programadores televisivos mais famosos da Califórnia, protagonista de um programa em que, com o seu temperamento forte e agressivo, fala de beatitude e incita os espectadores a porem dinheiro na conta da igreja. As imagens do espectáculo alternam com uma serie de diálogos em que o pregador fala de si e da sua vida privada.

A PREGAÇÃO DE HUIE [*Huie's Predigt*] (42 min., 1980)

As práticas religiosas de uma comunidade negra do bairro de Brooklyn em Nova Iorque. O pregador Huie canta e incita os fiéis que enchem a sala a participar com fervor. A prédica é singular e pouco a pouco o fervor cresce com o ritmo das palavras.

O ENIGMA DE KASPAR HAUSER [*Jeder für sich und Gott gegen alle*] (109 min., 1974)

Kaspar Hauser vive numa espécie de prisão sem poder ver nem falar com ninguém. Passa o tempo com parques brinquedos de madeira, comendo e dormindo. Um dia um desconhecido solta-o, ensina-o a andar e a falar e depois abandona-o numa praça com uma carta na mão destinada às autoridades, para que tomem conta do enjeitado. Depois de um primeiro momento de confusão, Kaspar é acolhido em casa do doutor Daumer, que o ensina a ler e a escrever, lhe dá lições de música, de lógica, de moral, e dialoga com ele, surpreendido pelas capacidades de Kaspar. Duas vezes, todavia, Kaspar é agredido por um homem misterioso que, à segunda tentativa, consegue matá-lo.



Prémio Especial do Júri e Prémio Internacional da Crítica no Festival de Cannes de 1975.

BALADA DE UM PEQUENO SOLDADO [*Ballade vom kleinen Soldaten*] (45 min., 1984)

Centrado nas crianças soldados tragicamente apanhados na resistência dos índios Miskito da Nicarágua. Fevereiro de 1984: Em um pedaço de terra distante e de difícil acesso na costa do Atlântico, os índios miskitos lutam contra o exército sandinista. Werner Herzog e o jornalista fotográfico Denis Reichle observam principalmente os soldados-criança nas fileiras dos miskitos.

PASTORES DO SOL (*Hirten der Sonne*) (50 min, 1989)

Um fascinante retrato da tribo Wodaabe do deserto do Saara, cujos membros se consideram a si próprios o povo mais belo do mundo. Tendo como ponto de partida uma festa, que se realiza anualmente, Herzog retrata a tribo nómada dos wodaabe, no sul do Saara. Em momento algum, ele suprime o desconhecido e o irritante em suas observações, enfatizando, assim a identidade inconfundível da antiga tribo do povo dos fulbes.



SINOS DO ABISMO [*Glocken aus der Tiefe*] (60 min, 1993)

Um retrato da fé e da superstição na Rússia, um olhar profundo sobre a alma russa. Werner Herzog observa na Sibéria curandeiros que se auto denominam redentores e se fazem passar por sucessores de Cristo, e pessoas que, no distante lago Svetloyar, realizam rituais estranhos e difíceis de explicar.

GESUALDO – MORTE PARA CINCO VOZES [*Tod für fünf Stimmen*] (60 min., 1995)

A excêntrica e trágica vida de Carlo Gesualdo, príncipe de Venosa. O seu Sexto Livro dos Madrigais foi considerado de tal forma moderno que antecipa a música do século XX. Gesualdo foi uma figura misteriosa e negra, demónio e alquimista, que adorava fazer experiências com cadáveres. Matou brutalmente a mulher quando a apanhou na companhia do amante. Depois mumificou os dois e colocou-os na entrada do palácio de Nápoles onde o facto ocorreu.

02.01.02 – ciclo **JIA ZHANG-KE - A CHINA EM TRANSFORMAÇÃO**

Jia Zhang-ke é um dos mais importantes cineastas contemporâneos, com presenças premiadas e regulares nos grandes festivais europeus. Deambulando livremente e sempre com mestria entre o documentário e a ficção, tem sabido, principalmente desde *Plataforma* (2000), expor a China e as profundas alterações registadas na última geração, ditadas pela sua *abertura ao mundo* e pelo crescimento económico, com as consequentes alterações sociais e culturais que daí decorreram nesse gigantesco país.



Plataforma (2000)

Com uma serenidade a toda a prova, um admirável sentido de poupança visual e emocional, Zhang-Ke mostra quão profundamente a China mudou em dez anos.

Eurico de Barros, Diário de Notícias

Inverno, 1979. Na pequena cidade de Fenyang na remota província chinesa de Shanxi, um grupo de teatro apresenta uma peça glorificando Mao Zedong. A vida de Minliang e dos outros camaradas gira em torno das representações e das histórias de amor que acontecem. Na Primavera de 1980, a vida do grupo de teatro começa a sofrer pequenas mudanças, com a entrada das influências ocidentais – música pop, permanentes e calças à boca de sino. Quando a política do Governo muda, os subsídios do grupo são cortados e a companhia é privatizada. A incerteza paira sobre o futuro do grupo e sobre as relações entre os vários elementos.

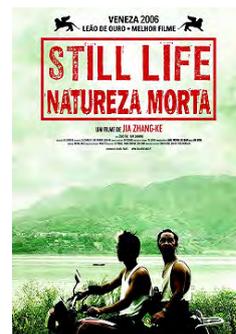
Still Life (2006)

Foi apresentado como um filme-surpresa, à última hora – e ganhou: STILL LIFE – NATUREZA MORTA de Jia Zhang-ke foi um inesperado Leão de Ouro, não pela qualidade do filme, apenas pela forma como foi introduzido.

STILL LIFE – NATUREZA MORTA é uma viagem à China quase desconhecida no cinema, a história de vários destinos cruzados numa das mais vastas operações de engenharia que o homem alguma vez ousou: a construção da enorme barragem hidroelétrica no rio Yangtsé conhecida como a barragem das Três Gargantas.

Essa construção que está a provocar a recolocação de mais de um milhão de pessoas, a demolição de aldeias e até de uma cidade – Fengjie, o cenário escolhido por Jia Zhang-Ke para ambientar o seu filme – é ocasião para o cineasta olhar uma sociedade em estado de desmantelamento, sem sombra de ideais (para onde foi a utopia comunista?) entregue a um desgoverno económico em que cada um está por sua conta e até as relações sentimentais parecem não poder florescer no deserto das almas. A fita segue dois personagens – um homem em busca da mulher, uma mulher em busca do marido – e constrói-se sem actores profissionais, num gesto despojado que faz lembrar o neorealismo, mas sem nenhuma cartilha a apontar o futuro. Com o Leão de Ouro deste ano, Jia Zhang-Ke obtém, digamos, um reconhecimento internacional que alguma crítica já lhe vinha demonstrando. Embora os seus filmes tenham vinda a ter presença regular nos festivais (e nas salas) europeias, embora o cineasta já seja considerado o mais importante revelado na China nos últimos anos, só agora um prémio de grandeza lhe coroa a sua obra. É um filme esplêndido; desejemos que algum distribuidor o traga às salas portuguesas.

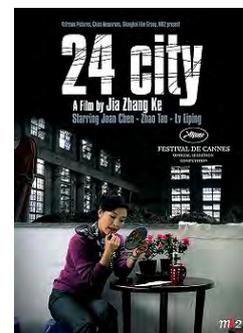
Expresso



24 City (2008)

Chengdu, China. Uma fábrica estatal de produção de motores de aviões, fecha e demite todos os seus 420 empregados para que seja construído no local o "24 City", um condomínio de apartamentos de luxo. A partir daqui o realizador revisita o passado através três gerações de trabalhadores daquela fábrica e, através das histórias de oito pessoas, conta os últimos 50 anos da História da China.

Misturando muitas imagens de arquivo e entrevistas com representação, Jia Zhang-ke ("Plataforma", "Prazeres Desconhecidos", "O Mundo", "Still Life - Natureza Morta") cria um "documentário ficcionado" sobre a(s) história(s) do seu país.



I Wish I Knew (2010)

Xangai, uma metrópole que muda a cada instante, um porto onde pessoas chegam e partem. Albergou todo o tipo de pessoas – revolucionários, capitalistas, políticos, soldados, artistas, gangsters. Também foi palco de revoluções, assassinatos, histórias de amor.

Depois da vitória Comunista em 49, milhares de pessoas deixaram Xangai e partiram para Hong-Kong e Taiwan. Partir significou em muitos casos uma separação de 30 anos, ficar significou sofrer a Revolução Cultural. Dezoito pessoas relembram a sua vida em Xangai. As suas experiências pessoais, como dezoito capítulos de uma novela. Uma alma regressa a Xangai e ao andar pelas margens do rio desperta para todas as mudanças que a cidade sofreu.

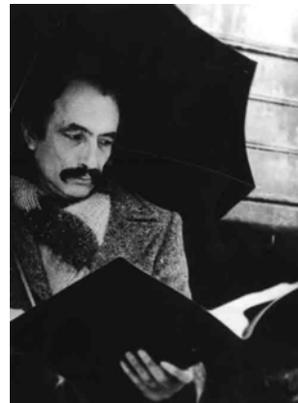
02.01.03 – ciclo **ANTÓNIO CAMPOS**

Um homem à frente do seu tempo ou um anacrónico? O nosso maior documentarista ou um "bom selvagem"? Há um mito António Campos?

(...) Dizer que António Campos é um cineasta à espera de ser descoberto, dez anos após a sua morte, não deve surpreender num país onde o cinema português está por descobrir (os filmes não foram, e continuam a não ser, vistos - não é isso que explica a relação que o país tem com o seu cinema?). O acesso à obra de Campos tem sido restrito, quando não invisível, na sua vida como depois da sua morte. Houve uma retrospectiva quase integral na Cinemateca Portuguesa em Setembro de 2000, que não escondia a ambição de ser o princípio do descobrimento, e depois nada. A Midas Filmas anunciou a intenção de editar a obra integral do cineasta em DVD há dois anos, mas o projecto continua alegadamente à espera de luz verde da entidade detentora dos direitos dos filmes.

(...) Catarina Alves Costa, documentarista, acredita nisso: pela sua forma de trabalhar - o realizador sozinho com a sua câmara, dispondo apenas de meios próprios, "a fazer o que nós agora chamamos 'low-budget'" - ele estava à frente do seu tempo, defende. "Imagino que se tivesse existido vídeo naquela altura, para ele teria sido um paraíso", diz a autora de um retrato-"biopic" de António Campos. "Falamos de António Campos", documentário de 60 minutos, co-produzido pela Midas Filmes e pela RTP2 (faz parte de uma série sobre figuras da cultura portuguesa que serão exibidos no segundo canal), é um filme-iniciação: "Ele é tão desconhecido que isto tinha de ser a base, tinha de cobrir as várias vertentes para quem não sabe nada: quem era, como cresceu, como viveu, que filmes fez... Senti essa responsabilidade."

Público de 13 de Fevereiro de 2009



Ciclo em colaboração com a Cinemateca Portuguesa e os Cineclubes de Abrantes e do Porto.

FALAMOS DE ANTÓNIO CAMPOS de Catarina Alves Costa (2009, 60')

Um retrato de António Campos, cineasta excepcional a que chamaram amador, um dos mais singulares realizadores portugueses pelo modo como filmou o país nas décadas de 60 e 70.

Considerado um realizador à margem, um solitário, um instintivo que trabalhava sem meios e com a cumplicidade de alguns, Campos representa a paixão de filmar.

Usando excertos dos seus filmes, e revelando em conversas o seu cinema e a importância que este tem, este documentário quer mais do que tudo encontrar o homem, a pessoa. Para isso, revisita as paisagens que filmou, reconstitui o mundo em que vivia, o momento em que começa a filmar, a Leiria do teatro amador e da Escola Industrial, os anos em que trabalhava na Fundação Gulbenkian, usando para estas reconstituições depoimentos, fotografias e filmes pessoais.



FALAMOS DE RIO DE ONOR de António Campos (1974, 63')

Numa aldeia transmontana a cavalo sobre a fronteira com o território espanhol, nesses primeiros anos da década de 70 o comunitarismo, com os seus ancestrais hábitos tradicionais de organização associados à propriedade e às práticas agrícolas pastoris, encontra-se já em decadência. Mantêm-se visíveis as suas marcas no quotidiano da população. António Campos é informado da existência da aldeia em 1971, pelo etnólogo Jorge Dias, e vai rodar o seu documentário entre Outubro de 1972 e Agosto de 1973. Por dificuldades de pós-produção a obra só será apresentada em Outubro de 1974.

A ALMADABRA ATUNEIRA de António Campos (1961, 27')

Por altura da passagem dos cardumes de atum pela costa algarvia, em direcção ao Mediterrâneo, onde vão procriar, em toda a costa sul da Península Ibérica se mobilizam comunidades piscatórias muito peculiares. São os que constituem as companhas do atum, que vão preparar e lidar



com as almadrabas, as armadilhas especiais para a captura do atum, hoje extintas da costa portuguesa por causa da diminuição brutal dos cardumes e desvio de rotas. António Campos capta todo o processo de preparação dessa pesca artesanal até à «matança», acompanhando por uma temporada as actividades no arraial que se instalava na ilha da Abóbora, diante da localidade de Cabanas de Tavira. Foi a última companha daquele arraial, que o mar engoliria no Inverno seguinte – desapareceram as casas e a própria ilha –, e é um dos documentários maiores do cinema português.

GENTE DA PRAIA DA VIEIRA de António Campos (1975, 73')

Filme com o qual «emparceira» A Festa, rodados na mesma aldeia de pescadores, dá-nos a ver a confrontação do olhar sobre uma comunidade da beira-mar da região leiriense – onde os populares, galvanizados pelo ambiente revolucionário onde todos os sonhos são possíveis, lançam mãos à obra em transformações e modernizações que alguns contestam. Campos apresenta esse fresco de contradições e desejos díspares e revisita alguns momentos da sua obra anterior, com inclusão de trechos de O Tesoiro e A Invenção do Amor, que tinham sido rodados na mesma região.



VILARINHO DAS FURNAS de António Campos (1971, 77')

Uma aldeia perdida nas faldas da serra Amarela, Gerês, e a sua vivência comunitária, das raras experiências integrais que ainda restam em território português do comunitarismo agro-pastoril, serão destruídas pelas águas represadas de uma grande barragem «estratégica». A integração será difícil, mas conseguida por fim, e Campos regista as derradeiras tarefas, como a última apanha do milho, a última procissão, a manutenção sem esperanças dos últimos diques tradicionais. Nomeado para o Prémio da Crítica no Festival Internacional de Cinema de Cannes, 1972



UM TESOIRO de António Campos (1958, 14')

Primeira obra importante de António Campos, depois do inicial O Rio Lis, dela diz o cineasta: «Relata a vida de fome e de miséria que no Inverno todos sofriam com a paragem das companhas de arrasto. Os mais novos partiam para as florestas da Galiza, outros para as beiras interiores de Portugal, todos como madeireiros. Nem todos regressavam (ver o meu filme Gente da Praia da Vieira), mesmo os que iam para as margens do Tejo. Com este filme inaugurei o meu etnocinema que preocupadamente tenho tentado prosseguir durante toda a minha vida.»

Prémio no Festival Internacional de Cinema Amador de Carcassone de 1958 com o Trophée de L'Espoir.

Menção Especial do Júri e Prémio da Melhor Interpretação Feminina para Clara Botas nas Jornadas Internacionais do Filme de 8mm em Paris, 1960.

HISTÓRIAS SELVAGENS de António Campos (1978, 102')

Sobre esta adaptação de dois contos de Passos Coelho, rodado essencialmente num vale que é território ameaçado pelas cheias, disse A. Campos por altura da sua estreia: Histórias Selvagens desejava ser uma crónica cinematográfica sobre o trabalhador rural, implantada na área de Montemor-o-Velho, desde tempos recuados até aos nossos dias.» E Maria João Madeira refere-se sobre ele assim: «Mais uma vez, pela sua complexidade narrativa onde convivem tempos diferentes, personagens e paisagem, vigor documental e afirmação ficcional, o filme é recebido como um ponto de viragem na obra do realizador (...).»

Menção Honrosa do 1º Festival de Cinema dos Países de Língua Portuguesa de Aveiro, 1984.



02.01.04 – ciclo O CINEMA DE TENNESSEE WILLIAMS

Tennessee Williams foi um dos maiores dramaturgos americanos do sec. XX, tendo ganho o Prémio Pulitzer por duas das suas obras mais emblemáticas: **Um Eléctrico Chamado Desejo** e **Gata em Telhado de Zinco Quente**. A visão da América sulista de Williams foi muitas vezes alvo de adaptações por parte de Hollywood, muitas delas com êxito ao nível da crítica e do público, tendo o dramaturgo participado na escrita dos argumentos em várias dessas adaptações. A sua obra tem uma clara influência da sua biografia, nomeadamente na disfuncionalidade da sua família (sulista) e em temas como a homossexualidade, a instabilidade mental e o alcoolismo, tendo a sua irmã, Rose, sido uma notória influência na criação das suas personagens femininas de carácter excessivo e sonhador. Neste ciclo de 5 filmes percorremos mais de dez anos de adaptações de Williams, no período dourado de Hollywood e com grandes autores na realização: Brooks, Huston, Kazan e Mankiewicz.

UM ELÉCTRICO CHAMADO DESEJO / A Streetcar Named Desire (1951, 120 min.) de Elia Kazan

Blanche DuBois é uma beleza sulista que gosta da virtude e da cultura, usando-as para esconder sentimentos de amargura e desilusão, além do vício do alcoolismo. Em visita à sua irmã Stella, em Nova Orleans, fica abalada com o ambiente que se vive em casa. Stella, por sua vez, teme a reacção do marido, Stanley, um homem rude e grosseiro que domina a mulher e que não gosta de Blanche. Pouco depois, Stanley fica furioso ao perceber que Blanche está a interferir no seu relacionamento com a mulher, acabando por descobrir o passado da cunhada e desmascará-la perante todos.



Um Eléctrico Chamado Desejo, a versão integral da provocadora obra de Elia Kazan e Tennessee Williams, tal como teria sido exibida se não tivesse sido censurada nos EUA. O filme inclui três minutos de película inédita, na qual fica clara a química sexual entre Blanche DuBois (Vivien Leigh) e Stanley Kowalski (Marlon Brando), e a profunda paixão de Stella Kowalski (Kim Hunter) pelo seu marido Stanley. Nomeado para 12 Óscares da Academia incluindo Melhor Filme e vencedor de quatro galardões - que lançou uma nova era em Hollywood.

"Um marco histórico na luta contra a censura cinematográfica, e a mais arrebatadora representação do conjunto de um elenco da história do cinema americano."
Kenneth Turan, Los Angeles Times

GATA EM TELHADO DE ZINCO QUENTE / Can On a Hot Tin Roof (1958, 104 min) de Richard Brooks

"Não vivo mais contigo", diz Maggie a Brick. "Nós apenas ocupamos a mesma gaiola, só isso". As emoções cruas e diálogo forte do vencedor do Pulitzer em 1955, Tennessee Williams, transformam a chuva numa tempestade, nesta versão cinematográfica, cujas ferozes interpretações e banda sonora, a transformaram logo num sucesso de bilheteira. Paul Newman ganhou a sua primeira nomeação para um Oscar, pela sua interpretação cheia de nuances de Brick, o perturbado antigo herói de desporto. Conquistando a sua segunda nomeação para um Oscar, Elizabeth Taylor transforma Maggie na Gata, cravando as suas garras e agarrando-se à vida, não como ela é, mas como ela queria que fosse um dia. Uma interpretação vívida de paixão e lealdade. Faz também parte do elenco Burl Ives (que volta a representar o seu papel original, que triunfou na Broadway). Gata em Telhado de Zinco Quente é um filme ganhador.



BRUSCAMENTE NO VERÃO PASSADO / Suddenly, Last Summer (1959, 109 min) de Joseph L. Mankiewicz

Elizabeth Taylor e Katharine Hepburn receberam ambas nomeações para o Óscar de Melhor Actriz de 1960 por esta poderosa adaptação da peça de Tennessee Williams.

A bela Catherine Holly (Elizabeth Taylor) é internada numa instituição psiquiátrica após testemunhar a horrível morte do seu primo nas mãos de um grupo de canibais. A tia de Catherine, Violet Venable (Katharine Hepburn), tenta levar o Dr. Cukrowicz (Montgomery Clift), um jovem neurocirurgião, a acabar com as obsessivas alucinações de Catherine por via cirúrgica. Mas neste processo, o Dr. Cukrowicz descobre que as alucinações de Catherine são de facto verdadeiras... e demasiadamente horríveis...



CORAÇÕES NA PENUMBRA / Sweet Bird of Youth (1962) de Richard Brooks

Chance Wayne, um jovem aspirante a actor, regressa à sua cidade natal no sul dos Estados Unidos, acompanhado de uma vedeta de Hollywood em decadência, com a esperança de reaver o seu antigo amor.

Adaptação de uma peça de Tennessee Williams, onde Geraldine Page tem uma das suas mais dramáticas interpretações no papel de uma estrela de Hollywood em decadência que procura "reencontrar" a juventude através do corpo de um jovem Paul Newman, seu gigolo desencantado. "Anti herói", num dos papéis da sua vida, raras vezes Paul Newman terá sido mais desejável do que em SWEET BIRD OF YOUTH. Geraldine Page foi nomeada para um oscar pelo seu papel no filme.



A NOITE DE IGUANA / The Night of Iguana (1964) John Huston

Nesta adaptação da peça de Tennessee Williams filmada no México, à beira mar, com fotografia de Gabriel Figueroa, Burton é um padre renegado e alcoólico que ganha a vida como guia turístico. Ainda um pouco "Lolita" como no Kubrick anterior (LOLITA, 1962), Sue Lyon assume a descontraída pele de jovem tentação. No papel da livre Maxine, Ava Gardner é a dona da fabulosa estalagem que será cenário do filme. Deborah Kerr é Hanna, auto-castrada neta do "poeta mais velho do mundo" por quem se faz acompanhar. THE NIGHT OF THE IGUANA é um dos mais reputados Huston. O mergulho pelos meandros do dilema entre o espírito e a carne, tema do último sermão do Reverendo Shannon na dramática sequência de abertura, é denso. A rodagem foi feliz. *Cinemateca Portuguesa*



02.02 – Programação Semanal de Cinema de Autor

A Direcção do Cineclube de Joane concretizou em Janeiro de 2002 um dos objectivos a que se propôs desde a sua fundação em Setembro de 1998: a programação semanal de filmes, após a consolidação das sessões quinzenais no ano anterior. O critério de escolha das películas será o que adoptamos desde o início: o Cinema de Autor. Reforçamos a opinião de que existem muitas salas, cada vez mais em *Multiplex* dos centros comerciais e afastadas do contexto urbano, mas poucas propostas (os filmes exibidos são sempre os mesmos, embora espalhados pelas salas referidas acima). Iremos de encontro a outras cinematografias. **Como oposição à massificação que nos é imposta, propomos a diferença, a especialização, a exploração dos nichos. Vamos continuar a mostrar *Todo o Cinema do Mundo*, incluindo o que está “escondido” do público, que merece mais visibilidade, promoção e discussão.**

Durante o ano de 2011, foram programadas sessões semanais (**ver retrospectiva 01.02**), com um consolidação do número de espectadores denotada principalmente desde a mudança, em Março de 2002, para a Casa das Artes, o que nos motiva, uma vez que não houve cedências qualitativas da nossa parte no que concerne à programação. Pretende-se uma implantação crescente na cidade e no concelho de V. N. de Famalicão por forma a levar o Cineclube, e os seus filmes, a um maior número de público(s). Pretende-se, para o ano 2012, continuar a fomentar nas pessoas o hábito de frequentar o Cineclube de Joane (CCJ), semanalmente.

Sabemos do declínio que as salas de cinema atravessam, com a crescente diminuição do número de espectadores. Relativamente a esta questão temos adoptado uma posição pedagógica, uma vez que as causas do problema estão determinadas: o uso crescente do dvd e a “pirataria” aliada a esta prática. Portanto, é necessário esclarecer os espectadores relativamente às diferenças entre uma sessão numa sala de cinema e uma sessão doméstica com o recurso ao dvd (por vezes com versões de péssima qualidade das obras). Estas duas práticas são complementares, mas o que o espectador deve perceber é que o Cinema como arte (maior que os homens!) deve ser visto numa sala de cinema.

A estas dificuldades continuaremos a responder com inovação, sem limitar o projecto à exibição de filmes, tentando alargar o número de propostas a apresentar, angariando apoios em diversas áreas, por forma a constituir algo de singular. Continuaremos a privilegiar o Cinema Português para a programação regular.

Tal como em 2011, as sessões regulares serão complementadas com a rubrica **Já Não Há Cinéfilos?!** (**ver 02.04**) e a **Rede de Exibição Alternativa** (**ver 02.03**) promovida pelo Instituto do Cinema e do Audiovisual (I.C.A.).

Prosseguiremos com a rubrica *TRAZ OUTRO AMIGO TAMBÉM*. Mensalmente, seleccionaremos um dos filmes em que um associado poderá trazer um amigo que, por esse facto, terá entrada livre na sessão em causa. É mais um modo de disseminar a actividade do Cineclube, aproximando-nos do público.

Para o início de 2012, dispomos de uma lista de filmes a exhibir, designadamente:

- ❑ **INQUIETOS** de **Gus Van Sant**, (ver foto)
- ❑ **CARZY HORSE** de **Frederick Wiseman**;
- ❑ **CONTÁGIO** de **Steven Soderbergh**;
- ❑ **POESIA** de **Lee Chang-Dong**;
- ❑ **O HOSPÍCIO** de **John Carpenter**;
- ❑ **EU VI O DIABO** de **Kim Ji-woon**.



02.03 – Rede de Exibição Alternativa (REA) / I.C.A.

O Cineclube de Joane, conjuntamente com o Instituto do Cinema e do Audiovisual (I.C.A.) e os Cineclubes de Amarante, Fafe e Guimarães, firmou um protocolo válido para 2002 que permitiu a exibição de 25 filmes por cada um dos cineclubes, privilegiando o Cinema Português e da União Europeia. Esta rede alternativa de exibição cinematográfica, permitiu que o Cineclube de Joane pudesse assumir sessões com uma periodicidade semanal (ver item anterior). Nesse protocolo concretizou-se além da exibição dos filmes, a publicação de um boletim mensal, elaborado pelos 4 cineclubes e a edição de uma brochura no final de 2002 para assinalar esta iniciativa.

Nos anos seguintes (2003 a 2011), o Cineclube de Joane firmou protocolos anuais com o I.C.A. para a exibição, de mais de 30 filmes por ano (ver retrospectiva 01.02), produzidos por países da União Europeia e por países Ibero-americanos, iniciativa que revelou um crescente interesse da parte do público, pelo cinema oriundo das referidas nacionalidades, e que foi, convém dizê-lo, uma das apostas da Direcção do Cineclube de Joane desde a primeira hora. Esta REA permite a promoção de filmes de produção portuguesa e de géneros mais singulares, e que desde sempre nos interessaram, como seja o documentário. A regulamentação da REA (desde 2008), permitiu também a programação de uma parte de filmes de outras nacionalidades e, por isso, demos uma particular atenção às reposições (clássicos) e ao cinema asiático, como é possível constatar na retrospectiva que apresentamos, assim como nos filmes que indicamos abaixo e que iremos exhibir em breve.

Esperamos para 2012 a renovação desse programa, que se tornou crucial para o equilíbrio financeiro do Cineclube de Joane, uma vez que permite promover de forma adequada as cinematografias produzidas na União Europeia e nos países Ibero-americanos, e de uma forma particular os filmes produzidos em Portugal.

A Direcção do Cineclube de Joane elaborou uma lista de filmes a exhibir, no início de 2012, no âmbito desta REA, designadamente:

- ❑ **POST MORTEM** de **Pablo Larrain** (ver foto);
- ❑ **A NOSSA VIDA** de **Daniele Luchetti**;
- ❑ **A PELE ONDE EU VIVO** de **Pedro Almodovar**;
- ❑ **A MINHA ALEGRIA** de **Sergei Loznitza**;
- ❑ **OFFSIDE + ISTO NÃO É UM FILME** de **Jafar Panahi**;
- ❑ **O MUNDO NO ARAME** de **Rainer W. Fassbinder**.



02.04 – Já Não Há Cinéfilos?! (1) _ KUROSAWA / VISCONTI / RAY

Esta rubrica pretende traduzir-se num complemento às sessões semanais, fazendo um percurso pela história do Cinema, homenageando os seus maiores autores, os iconoclastas.

O título da rubrica – *Já Não Há Cinéfilos?!* – representa um desafio aos nossos associados e demais frequentadores das sessões promovidas pelo Cineclube de Joane. Vivemos tempos em que o imediatismo impera e a memória parece sucumbir e deixar de ter a relevância que, na nossa opinião, deveria ter.

Ao longo destes 12 anos de existência, o Cineclube de Joane tem programado, em película, todas as reposições relevantes, das quais podemos destacar algumas:

O Grande Ditador de Chaplin; **Sentimento** de Visconti; **Índia Song** de Marguerite Duras; **Aurora** de Murnau; **Amarcord** de Fellini; **Casamento Escandaloso** de Cukor; **A Sede do Mal** de Welles; **Uma Mulher Sob Influência** de Cassavetes; **Vertigo** de Hitchcock; **O Acossado** de Godard; **Deus sabe quanto amei** de Minnelli; **Playtime** de Tati; **Imitação da Vida** de Sirk.

Nas sessões referidas acima, e outras da mesma índole, duplicamos a promoção, arrastamos os nossos amigos, familiares, conhecidos e desconhecidos (!), por entendermos que são obras de visionamento fundamental e por serem filmes, que do ponto de vista do programador, se traduzem num gozo especial. Esta rubrica, que aqui apresentamos, permitirá compensar a escassez de reposições que, no nosso período de existência, vimos sentindo. Será possível, com recurso a projecções de vídeo (com entrada livre) e com uma qualidade de imagem e som inquestionável, encontrar todos os autores incontornáveis, conhecer os géneros (melodrama, policial, musical, western...), desde o cinema americano clássico, passando pelo cinema de cariz mais independente e pessoal e, claro, pelos grandes autores, e movimentos, do cinema europeu e asiático. Nestas sessões, por forma a reforçar a componente formativa, um dos objectivos pretendidos com a rubrica, serão distribuídos textos de apoio sobre a obra do realizador.

A programação desta rubrica integrará em 2012 os seguintes realizadores:

□ **Akira KUROSAWA** – **Shakespeare e Samurais** (na foto);

□ **Nicholas RAY** _ com Wim Wenders (em preparação);

□ **Luchino VISCONTI** _ com Cecchi D'Amico (em preparação).



A Direcção do Cineclube de Joane, desafia todos os seus associados, e demais frequentadores das nossas sessões, a rebater o título desta rubrica por forma a afirmar que sim, ainda há interessados em (re)descobrir os autores, aqueles que fizeram a diferença e que nos obrigam a amar o Cinema.

(1) O cinéfilo por Eduardo Prado Coelho [De O Fim da Cinefilia, in Crónicas no Fio do Horizonte]

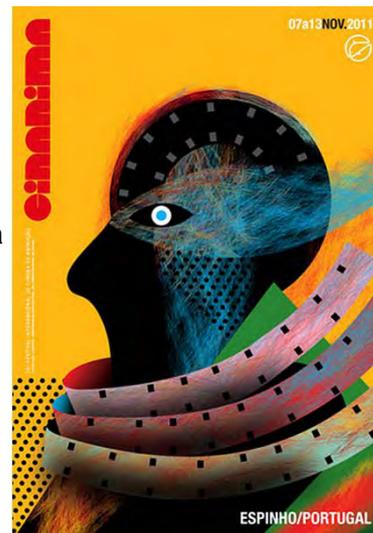
“Quem eram os *cinéfilos*? Segundo um dos maiores críticos da história do cinema, Serge Daney, eram gente que gostava de se apresentar do seguinte modo: nós somos filhos do cinema (ciné-fils). Isto é, nós vemos o mundo através do modo como o cinema vê o mundo, porque essa é a melhor forma de tremer face ao medo, de olhar uma árvore ao fim do dia, de cantar numa praia nocturna a sonhar com o tesouro dos piratas ou de tocar os cabelos de uma mulher. E por isso consideramos os filmes não apenas como arte, e elementos centrais de uma história da cultura dos homens, mas também como objectos íntimos, segredos que se passam de mão em mão, rebuçados, fetiches, berlindes, abóbadas de cristal onde a neve cai silenciosamente.”

02.05 – EXTENSÕES DE FESTIVAIS DE CINEMA

02.05.01 - CINANIMA – Festival Internacional de Cinema de Animação de Espinho

No primeiro trimestre de 2012 exibiremos uma extensão composta pelos filmes premiados na 35.ª edição do CINANIMA – Festival Internacional de Cinema de Animação de Espinho, para escalões etários distintos.

Em Novembro de 2011, realizar-se-á a 36.ª edição do CINANIMA, tendo o Cineclube de Joane prevista nova extensão para Dezembro de 2012 ou Janeiro de 2013.



Premiados CINANIMA 2011

"The Renter", de Jason Carpenter, vence 35ª edição do Cinanima

13.11.2011 – Lusa

O filme "The Renter", de Jason Carpenter (EUA), venceu a 35.ª edição do Cinanima -- Festival Internacional de Cinema de Animação de Espinho, anunciou neste sábado a organização do certame.

Na edição deste ano, o certame exibiu desde segunda-feira 136 obras, em sessões não competitivas, e teve a concurso 75 filmes, seleccionados entre 874 candidaturas.

O Prémio António Gaio, para o melhor filme português de animação, foi atribuído a "Sem querer", de João Fazenda. Nesta categoria, foram ainda entregues menções honrosas a "O Sapateiro", de David Doutel e Vasco Sá, e "Independência de Espírito", de Marta Monteiro.

Manuel Matos Barbosa, um dos responsáveis pela programação do certame, considerou que as obras premiadas reflectem "uma competição que foi marcada por filmes bastante interessantes", realizados com recurso "a variadas técnicas e às novas tecnologias".

Outro aspecto que realçou na edição de 2011 do Cinanima foi a "masterclass" dirigida pelo realizador checo Jiri Barta. "É dos grandes nomes do cinema de animação e as inscrições esgotaram", sublinhou Manuel Matos Barbosa. "Costumamos fazer 'workshops' com profissionais reconhecidos todos os anos", acrescentou, "mas esta foi a primeira vez que apostámos num nome desta dimensão e a experiência correu tão bem que devemos repeti-la no próximo ano".

Entre os restantes vencedores do Cinanima 2010, destaca-se o Prémio Especial do Júri, atribuído a "Muybride's Strings", de Koji Yamamura (Canadá), e o Prémio do Público, para "Danny Boy", de Marek Skrobecki (Polónia).

No que se refere à cinematografia nacional, o Prémio Jovem Cineasta Português, para realizadores com idades entre os 18 e os 30 anos, foi entregue a "Bats in the Belfry", de João Alves, e a mesma distinção, na categoria de crianças e jovens menores, coube a "Nôs Terra", do Coletivo de Crianças da EB1 de Trás-os-Montes, Polo 3, Ilha de Santiago (Cabo Verde).

O Prémio José Abel, para o filme europeu que mais se destacou pela qualidade da animação, foi atribuído a "One More Time!", de Okruzhnova, Ovchinikova, Pavlycheva, Petrova, Arkipova, Yakhyaeva (Rússia).

"Kubla Khan", Joan Gratz (EUA) foi reconhecida, por sua vez, como a melhor curta-metragem (até cinco minutos), "Second Hand", de Isaac King (Canadá) foi considerada a melhor curta-metragem com mais de cinco minutos e até 25 minutos; e "Playing Ghost", de Bianca Ansems (Reino Unido), foi distinguida como a melhor curta-metragem/filme de fim de estudos.

"Arachmaninoff", de René Lange (Alemanha), foi considerado o filme com melhor banda sonora original.

Finalmente, o Prémio RTP2: Onda Curta foi entregue a "One More Time!", de Okruzhnova, Ovchinikova, Pavlycheva, Petrova, Arkipova, Yakhyaeva (Rússia), "Lumberjack", de Pawel Debski (Polónia), "Coast Warning", de Alexandra Shadrina (Rússia), "Muybridge's Strings", de Koji Yamamura (Canadá), e "Oedipus", de Paul Drissen (Canadá).

Organizado ininterruptamente desde 1976, o Cinanima é uma iniciativa da Cooperativa Nascente, de Espinho, e constitui o maior festival de cinema de animação realizado em Portugal, sendo também um dos mais antigos do mundo no seu género específico.

02.05.02 - **INDIELISBOA – Festival Internacional de Cinema Independente de Lisboa**

Entre 24 de Setembro e 2 de Outubro de 2004 decorreu, no Cinema S. Jorge, a primeira edição do INDIELISBOA. A Direcção do Cineclube de Joane acompanhou essa primeira semana de festival, pois pensamos tratar-se de um certame com potencialidades, e que teve desde logo uma excelente programação assente no cinema designado independente. Ficou demonstrado que a designação não torna o festival redutor, permitindo uma extrapolação para vários géneros (documentário, ficção), formatos (curtas e longas-metragens) e proveniências (E.U.A., vários países da Ásia, América do Sul e Europa). Os filmes seleccionados foram enquadrados em três secções distintas, designadamente:

- ❑ **Competição** – A Competição Oficial é composta por longas e curtas-metragens, primeiras e segundas obras, nunca antes apresentadas em Portugal;
- ❑ **Observatório** – No Observatório são apresentados filmes que, não podendo integrar a competição oficial, são obras essenciais no panorama do cinema independente contemporâneo;
- ❑ **Herói independente** – Homenagem a um festival independente de referência ou a uma filmografia (de um determinado país, por exemplo).



O INDIELISBOA é um local privilegiado para a descoberta de novos autores e tendências do cinema mundial. O Festival dá especial atenção a obras e cinematografias com menor visibilidade no mercado de distribuição comercial português e integra uma competição de longas e curtas metragens de novos realizadores.

Mantendo o seu foco na criatividade e independência dos autores, em cinco anos o INDIELISBOA tornou-se num dos mais importantes festivais de cinema em Portugal.

Segundo dados objectivos, homologados pelo ICA, o IndieLisboa é já o maior festival nacional, não só em número de espectadores (35.500), mas também no número de ecrãs utilizados (9), no número de sessões realizadas (265) e no número de filmes apresentados (226)

Pelas razões expostas, o Cineclube de Joane propôs aos programadores do INDIELISBOA a realização de mais uma extensão do referido festival em Famalicão. Esta extensão, referente à 8.ª edição do INDIE LISBOA, foi concretizada – ver retrospectiva 01.04 – com a realização de duas sessões relativas a duas das secções (competição e herói independente) que integraram o festival.

A Direcção do Cineclube de Joane espera concretizar a extensão da edição n.º 9 do INDIE LISBOA, pois parece-nos que permitirá, aos nossos associados e demais espectadores, assistir a algumas das mais interessantes obras do cinema contemporâneo, tal como foi possível verificar na extensões realizadas nos sete últimos anos.

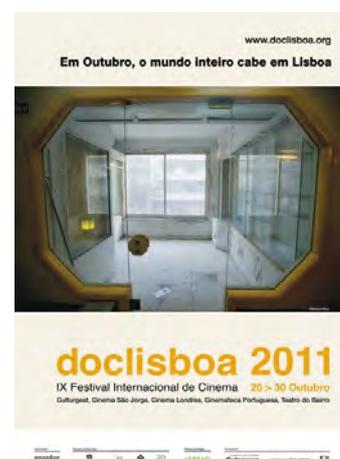
02.05.03 - DOCLISBOA – Festival Internacional de Cinema Documental de Lisboa

O DocLisboa é o único festival de cinema em Portugal exclusivamente dedicado ao documentário. Em 2011, na sua 9.ª edição, o Doclisboa apostou na capitalização do renovado interesse dos espectadores portugueses pelo documentário e conseguiu trazer às salas da Culturgest, do Cinema Londres e do Cinema São Jorge, um público muito numeroso e entusiasta.

O documentário “foi assunto” e criou-se uma nova consciência da sua enorme riqueza, diversidade e potencialidades. O Doclisboa apostou também na descoberta de novos territórios, na grande diversidade, e na vitalidade do cinema do real.

Em 2011 o festival manteve os principais objectivos das edições anteriores:

- ❑ Mostrar ao público português filmes importantes e multi-premiados internacionalmente que ainda não chegaram às salas de Lisboa;
- ❑ Permitir uma reflexão mais aprofundada sobre temas contemporâneos e de actualidade;
- ❑ Dar a conhecer de forma mais sistemática a cinematografia de outros países;
- ❑ Organizar debates que mobilizem o público em torno de filmes importantes e de temas transversais, presentes em várias obras.



O Doclisboa 2011 trouxe novamente a Lisboa, em primeira-mão, o melhor da produção nacional e internacional de documentário: foram onze dias de projecções em regime intensivo, ainda com mais filmes, mais secções e mais actividades complementares do que nas anteriores edições.

Em Outubro, o Doclisboa foi, mais uma vez, um ponto de encontro privilegiado do público com realizadores e outros profissionais nacionais e estrangeiros do documentário (produtores, distribuidores, programadores, críticos...) e um fórum aberto de reflexão e discussão sobre o estado do mundo e a situação do cinema documental contemporâneo.

A 9.ª edição do Festival Internacional de Cinema Documental de Lisboa, superou expectativas: em onze dias passaram pelas seis salas que acolheram o festival mais de 30.000 espectadores.

Após a concretização das extensões realizadas em 2007 e 2008, a Direcção do Cineclube de Joane, proporá à Direcção do DOCLISBOA a realização de mais uma extensão do referido festival, de relevância incontestável, que regressa em Outubro de 2012.

O documentário esteve sempre presente nas prioridades da nossa programação e fará todo o sentido manter uma colaboração estreita com o DOCLISBOA que conseguiu, de forma indiscutível, um sucesso de programação e de público.

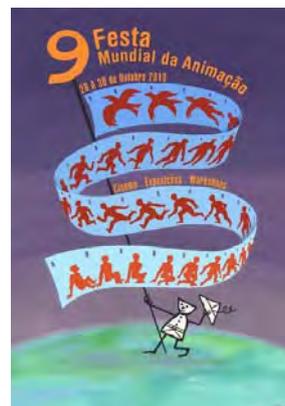
02.06 - Festa Mundial da ANIMAÇÃO

Com a Casa da Animação, na última semana de Outubro

A Festa Mundial da Animação é um momento único para a animação. Salas e centros culturais de todo o mundo abrem as suas portas, em simultâneo, e exibem cinema de animação.

A animação sai à rua, e torna-se acessível a todos quantos queiram apreciá-la.

Desde a sua inauguração, a 28 de Outubro de 2002, a Casa da Animação organiza, anualmente, a festa mundial da animação em Portugal; na Casa, proporcionando uma aproximação às curtas de animação que se fazem em todo o mundo – selecções de filmes que resultam de um trabalho de cooperação de uma rede internacional de instituições pares (nomeadamente a ASIFA Internacional e a AFCA – França), e no país, disponibilizando programas de cinema para circulação e organizando actividades paralelas.



Para difusão no país, a Casa da Animação programa 4 sessões de filmes, com temáticas distintas e para diferentes públicos, que difunde junto dos seus parceiros nacionais, permitindo assim que um maior número de pessoas tenha acesso a esta expressiva e surpreendente forma de arte. Além da programação, a Casa da Animação colabora na organização de exposições, oficinas e acções de formação e outras actividades relacionadas com a animação e artes transversais.

Para pontuar a efeméride no exterior e contribuir para uma maior visibilidade da Animação Portuguesa no mundo, a Casa da Animação programa, com o apoio dos produtores e autores de animação nacionais, um Panorama da Animação Portuguesa, que difunde nacional e internacionalmente.

Casa da Animação

Secções de 2011

CARTOON D'OR 2010 - O melhor da animação europeia.

Os filmes mais premiados e aclamados pelo público nos principais festivais de cinema de animação europeus.

PANORAMA INFANTIL

Pequenas histórias animadas cheias de lirismo e fantasia

PANORAMA DA ANIMAÇÃO PORTUGUESA (2009-2010)

BEST OF E-MAGICIENS 2009 [CINEMA DE ANIMAÇÃO DIGITAL]

Apresentação dos filmes premiados no E-Magiciens, um festival de cinema de animação digital, orientado para a jovem criação artística, que acontece em França. Todos os anos se anunciam ali os melhores filmes provenientes das melhores escolas de animação do mundo.



02.07 – Masterclasses, Debates: o Cinema Português em destaque!

O Cinema ao serviço de algo, ou vice versa. O Cineclube de Joane pretende ir mais além da mera projecção de filmes. Recuperar o gosto de discutir um filme. A ideia, que não é inédita, se arriscada, considerando as reservas do público para a discussão, é aliciante. Pretende-se escolher um filme que, pela sua temática, possa suscitar uma discussão entre o público: política, justiça, direitos humanos, racismo, ambiente, etc...

Temos promovido, ao longo destes últimos anos, vários debates, e também em 2011, e sempre que a obra programada suscite assunto que promova a discussão e a troca de ideias, promoveremos debates após a realização das sessões

Sempre que possível, continuaremos a convidar realizadores e outras personalidades ligadas à produção cinematográfica, para debates em torno dos seus filmes.

Como forma de aprofundar a relação com o Cinema Português e os seus autores prosseguiremos a realização de *masterclasses*, depois das que concretizamos com PEDRO SENA NUNES e JOÃO CANIJO em 2009 e com MANUEL MOZOS em 2010. Trata-se de uma forma de promover o nosso Cinema, de fomentar uma maior afinidade entre os espectadores e os realizadores dos filmes. Esta iniciativa tem como alvo os nossos associados que tenham interesse em determinada vertente, mas também, e em número relevante, estudantes das Escolas de Cinema e Vídeo além de outras pessoas ligadas às diferentes componentes técnicas relativas à produção e exibição de filmes.

Paralelamente, numa rubrica denominada *Os Cineastas Também Programam*, proporemos aos realizadores convidados a escolha de uma ou mais obras que terão influenciado a sua filmografia e o filme concreto que estarão a apresentar.

Para 2012 temos previsto a programação de um conjunto de obras portuguesas que poderão resultar em relações mais efectivas com a obra programada, das formas designadas no parágrafo anterior, nomeadamente:

- *A Espada e a Rosa* + *Canção de Amor e Saudade* + *Rapace* (sessão dupla) de João Nicolau;
- *O Barão* de Edgar Pêra
- *A Morte de Carlos Gardel* (na foto)
de Solveig Nordlund
- *Cisne* de Teresa Vilaverde
- *Como Desenhar Um Circulo perfeito* de Marco Martins
- *Vai com o Vento* + *O Estrangeiro* de Ivo Ferreira



02.08 – Cinema para as Escolas

É inquestionável o elevado potencial que o cinema possui enquanto veículo transmissor de conhecimento, valores, emoções, etc., daí que faça cada vez mais sentido aproximar o cinema dos alunos em fase de formação, permitindo-lhes avistar novos horizontes, desmontar as linguagens do cinema e serem mais críticos e selectivos quanto aos produtos que lhes são oferecidos.

A edição de 2007 do “Cinema para as Escolas” foi ligeiramente diferente das duas primeiras edições, realizadas, respectivamente, na Didáxis de Vale S. Cosme e na Secundária Bernardino Machado em Joane.

A iniciativa foi concretizada em parceria com a Escola Secundária Camilo Castelo Branco, tendo os alunos que frequentavam o 12.º ano desta escola oportunidade de assistir, no Grande Auditório da Casa das Artes de V. N. Famalicão, à exibição do filme “*Convicções*”, de Julie Frères – filme retirado da extensão do DocLisboa, promovida pelo Cineclube de Joane. O filme retrata os meses que antecederam a votação para o referendo sobre a interrupção voluntária da gravidez, partindo do quotidiano de quatro mulheres de convicções totalmente opostas, seguindo de perto a campanha do referendo, nos bastidores, na rua e nos media. No final do filme houve um pequeno debate em que os alunos puderam manifestar as suas opiniões e esclarecer as suas dúvidas. O debate pretendeu alcançar questões levantadas pela opinião dos alunos relativamente à democracia representativa, dado que os alunos se encontravam muito próximos de exercer, pela primeira vez, o direito de votar.

Durante o ano de 2009, o Cinema para as Escolas desenvolveu-se nos mesmos moldes com sessões para os alunos da disciplina de História da Didáxis de Riba d’Ave e para Secção Europeia de Francês da Secundária Benjamim Salgado de Joane.

O Cineclube de Joane envolveu-se em dois projectos relevantes, na relação com as Escolas, em 2010, tendo realizado cerca de 20 sessões neste âmbito e para vários escalões etários: desde o 1.º ciclo até ao Ensino Secundário. Estas sessões só foram possível com interações muito interessante e frutíferas com várias entidades: Escola Secundária Camilo Castelo Branco e com o projecto *Mais Vale Prevenir* (Escola Nuno Simões, Calendário + Escola Júlio Brandão, Famalicão).

Tentaremos, ainda neste âmbito, estabelecer parcerias com a Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, D.R.E.N. e com o Ministério da Cultura.

02.09 – A BOCETA DE PANDORA de G.W. Pabst (encomenda / estreia)

Há alguns anos que o Cineclube de Joane vem apresentando, pelo menos uma vez por ano, um filme (mudo) com banda sonora ao vivo. Parece-nos uma forma sagaz de mostrar filmes importantes, um regresso às formas primitivas e (falsamente) arcaicas.

A introdução de uma banda sonora ao vivo torna, para um número razoável de espectadores, o visionamento dos filmes do período mudo mais apetecível, retirando-lhe a carga que os anos acrescentara às obras.

Estas apresentações, que se iniciaram com *Nosferatu* de F. W. Murnau, têm sido, também, uma espécie de presente com que brindamos os nossos associados e espectadores assíduos das nossas sessões, pois tem sido programadas sem custos para os associados (como é usual nas sessões regulares) e a preços baixos para os restantes espectadores.

Portanto, foi com uma grande efervescência que partimos para a encomenda da nossa primeira banda sonora de uma longa-metragem: *Fausto*, a última obra do período alemão de Murnau (em 2009, aquando da mostra *On The Trek*, os *Biarooz* tinham concebido, a nosso pedido, uma trilha para a curta *Viagem à Lua* do ilusionista Meliès).

A escolha do filme não foi, de todo, inocente: Murnau é um dos nossos autores favoritos, um daqueles que perseguimos exaustivamente, e só sossegaremos quando exibirmos todos os seus filmes. *Fausto*, uma das suas obras maiores, uma das que melhor sintetiza o apelo do cineasta pela dicotomia “luz e sombra”, surgiu-nos de forma espontânea para este empreendimento.

Quanto à banda, os La La La Ressonance, tinham todos os condimentos para a nossa preferência: um som singular e cinematográfico, entre o jazz contemporâneo e o pós-rock, numa carreira já alicerçada em dois excelentes álbuns e com um antecedente que sempre nos fascinou: The Astonishing Urbana Fall (esta banda tinha exactamente os mesmos membros que os La La La Ressonance).

Numa sala com uma adesão muito considerável (meia sala do Grande Auditório da Casa das Artes de Famalicão, de 500 lugares), o resultado foi muito satisfatório, para a banda e para o Cineclube de Joane, num espectáculo que deveria ser reproduzido muitas vezes. **Entretanto, durante o ano de 2011, os La La Ressonance voltaram ao Fausto em Abrantes (Março), em Barcelos (Julho), em Torres Novas (Setembro) e em Tomiño, Galiza (Outubro).**

Em 2011 e ainda em preparação, sem banda definida, um novo desafio: uma banda-sonora de encomenda para a obra-prima de G.W.Pabst com a mitológica Louise Brooks: A BOCETA DE PANDORA.

Ascensão e Queda Desde que os «moguls» se tornaram «donos e senhores» de Hollywood, começaram a surgir conflitos entre eles e as estrelas que exploravam — sem aspas nem eufemismos porque, em muitos casos, disso mesmo se tratava: uma verdadeira exploração da força de trabalho e da vida de muitos actores. O resultado dos duelos dependia geralmente do estatuto que as vedetas ocupavam junto do público. Um actor popularíssimo como John Gilbert podia desafiar impunemente um Louis Mayer, seu patrão, chegando mesmo ao confronto físico quando se tratou de defender a «honra» de Greta Garbo, então o grande amor do actor, nos fins do mudo. Mayer soube aproveitar a chegada do sonoro e as deficiências da voz de Gilbert para «ajustar contas», destruindo a carreira do antigo ídolo das plateias. Antes houve também «Fatty» Arbuckle, mas tratava-se de um caso diferente. De certo modo, era alguém que tinha brincado com o fogo, queimando-se de forma irrecuperável. Pode dizer-se que o primeiro grande conflito de Hollywood com uma estrela — que teve por causa o desejo desta de impor os seus interesses artísticos — teve por alvo Louise Brooks. Revelada em *Uma Rapariga em Cada Porto*, de Howard Hawks (1928), e depois no filme de William Wellman, *Mendigos da Vida*, Brooks queria papéis de maior importância dramática. Hollywood deu-lhe o de vítima do crime em *O Drama de uma Noite* (baseado no livro de Van Dine, *O Crime da Canária*). G. W. Pabst, que na Alemanha preparava a adaptação de duas peças de Wedekind sob o título de *Die Buchse der Pandora (A Boceta de Pandora)*, viu-a no filme de Hawks e convidou-a.

Louise não pensou duas vezes e disse adeus a Hollywood, interpretando o papel de Lulu e, logo a seguir, outro filme de Pabst, *Das Tagebuch einer Verlorenen (Diário de uma Mulher Perdida)* e, em seguida, *Prémio de Beleza*, co-produção franco-italiana, de Augusto Genina. São estes três títulos que, juntamente com os de Hawks e Wellman, constituem a base da mitologia Louise Brooks.

Depois desta digressão pela Europa julgou poder voltar a Hollywood com a fama que adquirira. Mas se os estúdios se interessavam pela última, o seu exemplo era, então, algo que precisava de um castigo exemplar para evitar futuras «revoltas». A carreira de Louise Brooks foi boicotada e a actriz só encontrou um ou outro papel em estúdios B, terminando ingloriamente e irreconhecível num «western» de série. Mas acabou por servir de exemplo. Durante toda a década de 30, a Warner e Bette Davis travaram um combate sem tréguas. Derrotada até nos tribunais, a actriz teria a sua desforra nos anos 40. Já então, a seu lado, revoltadas e triunfantes, se encontravam Joan Crawford e Olivia de Havilland.



Manuel Cintra Ferreira, *Os Anos do Cinema*, Expresso

02.10 – Cinema Paraíso

Chega o Verão, o tempo aquece e convida a uma sessão de cinema ao ar livre. Em Julho de 2011, o Cineclube de Joane realizou a 12.ª edição do Cinema Paraíso, preenchido com os melhores filmes do ano e voltados para o grande público, com sessões na Praça 9 de Abril (fotos abaixo) no centro de Famalicão, no Centro de Estudos Camilianos, junto à Capela de S. Vicente em Sezures, sempre sem qualquer dispêndio financeiro para os assistentes. A adesão em 2011 foi mais uma vez notória, e pensamos que o Cinema Paraíso é uma verdadeira atracção no verão dos famalicenses.



A edição de 2011 contou com mais um parceiro institucional: a Fundação INATEL, que se junta, assim, à Câmara Municipal de Famalicão e ao Instituto do Cinema e do Audiovisual.

Pretendemos em 2012 prosseguir com o Cinema Paraíso no nosso local de eleição – a Praça 9 de Abril, que é na nossa opinião o sítio ideal para a realização, com sucesso, desta iniciativa. Também se pretende prosseguir com a itinerância pelo concelho de Famalicão (presente em mais de 20 freguesias e empreendimentos habitacionais ao longo das anteriores edições).

Deverão ser realizadas entre 9 e 12 sessões, distribuídas por três fins-de-semana, no final de Julho e início de Agosto. Continuado com a ideia de conciliar as sessões do centro da cidade com o périplo pelo concelho, em cada edição do Cinema Paraíso, este ano pretendemos visitar algumas das freguesias que ainda não foram abrangidas pela iniciativa.

Esperamos conseguir, em 2012, divulgar massivamente a iniciativa, por forma a chegar ao maior número possível de famalicenses (e outros) por forma a concretizar a máxima que preside a esta iniciativa: levar o Cinema às populações.

02.11 – O Homem da Câmara de Filmar

O Cineclube de Joane tem vindo a desempenhar, desde o início da sua existência, um esforço no âmbito da criação cinematográfica de autor, repousando grande parte da sua programação numa esfera de divulgação e acompanhamento do trabalho de gentes do cinema.

O Homem da Câmara de Filmar, belíssimo e marcante filme de Dziga Vertov, emprestar-nos-á o seu título para encabeçar um projecto de divulgação de filmes que caracterizem, da forma mais fidedigna e interessante possível, a vida e obra de alguns dos artistas mais determinantes da História do Cinema. Longe de ser uma mera divulgação dos “magnum opus” de certos realizadores, “O Homem da Câmara de Filmar” pretende atingir algo mais: traçar perfis característicos em obras do (e sobre o) artista e cruzá-las com alguns dos seus trabalhos; buscar, através do filme documental, a personalidade por detrás do artista e suportá-la com base no seu trabalho; pegar em obras actuais e tentar justificá-las à luz daquele ou daqueles que a terão inspirado, inclusive obras anteriores de artistas distintos.

Embora a atenção mais devida e mais sonante seja dada aos realizadores enquanto principais obreiros da criação cinematográfica (algo a que o título da rubrica faz jus), também é verdade que outras personalidades com diferentes papéis carecem de especial atenção em matéria de inspiração. É por isso que a Câmara de Filmar de que falamos não é aquele suporte físico que comanda a rotação, mas antes o olhar virtual que existe antes de se materializar.

Nesta primeira edição, contamos começar com um documentário sobre Roman Polanski intitulado **Polanski: Wanted and Desired**, permitindo o debruçar sobre a vida e obra do famoso realizador, e da forma como ambas facilmente se influenciam e determinam mutuamente. Será, a nosso ver, um começo fulgurante!

Em registos paralelos, outros trabalhos são potenciais apostas já nesta primeira edição de 2009: **Caçador Branco**,

Coração Negro (*White Hunter, Black Heart*) com Clint Eastwood a realizar e a interpretar uma referência a John Huston e a uma das suas maiores obras, *The African Queen*; a homenagem de Wim Wenders a Yasujiro Ozu em *Tokyo-Ga*, sobre o autor japonês e a sua cidade de Tóquio; e, num registo próximo, *Directed by John Ford*, a visão de Peter Bogdanovich sobre [aquele que achamos ser] o maior autor clássico americano.

“O Homem da Câmara de Filmar” será uma rubrica estreante e inicialmente experimental, não se abstendo ainda assim de se debruçar sobre o carácter artístico que certamente marca a criação autoral que tanto primamos em preservar e divulgar.



02.12 – P.I.C. – Programa de Itinerância Cinematográfica (promovido pelo I.C.A.)

As primeiras sessões programadas pelo Cineclube de Joane, em Setembro de 1998, faziam parte do programa ROTAS que consistia numa itinerância promovida pelo Instituto do Cinema Audiovisual e Multimédia por várias salas do país como forma de promoção do cinema português nas suas variadas vertentes, temáticas e formatos.

Na nossa primeira participação no ROTAS realizamos duas sessões compostas por uma compilação de curtas-metragens.

Em 1999, a programação foi mais diversificada no que concerne aos formatos, pois além de uma sessão consagrada às curtas metragens, programamos duas longas metragens realizadas por dois dos nossos maiores realizadores – António-Pedro Vasconcelos e José Fonseca e Costa – com os filmes, respectivamente, **O Lugar do Morto** e **A Mulher do Próximo**.

O ROTAS em 2001 permitiu a programação de 2 longas metragens – **O Sangue** de Pedro Costa e **Le Bassin de J.W.** de João César Monteiro – e um conjunto de curtas-metragens das quais destacamos **A Caça** de Manoel de Oliveira.

Esta itinerância apenas regressou em 2004 com uma nova denominação P.I.C. – Programa de Itinerância Cinematográfica.

Devido à qualidade e quantidade da oferta proposta pelo I.C.A.M. para o P.I.C. foi possível realizar, em 2004, uma programação, muito ambiciosa, distribuída por 4 sessões. O escalonamento dos filmes teve uma ordem temática, tendo também em linha de conta o formato do filme.

Ficaram portanto distribuídas da seguinte forma as 4 sessões:

- ❑ Curtas-metragens de animação e ficção;
- ❑ Documentários – **A Favor da Claridade** de Teresa Villaverde e **A Morte do Cinema** de Pedro Sena Nunes;
- ❑ Longa-metragem – **Aparelho Voador a Baixa Altitude** de Solveig Nordlund;
- ❑ Bloco de 4 curtas-metragens da autoria de dois realizadores – Miguel Gomes e Sandro Aguilar – que as reuniram no projecto **Dinamitem a Terra do Nunca**.

Esperamos que o I.C.A., em 2012, lance novo concurso para a concretização do P.I.C.. Trata-se de uma iniciativa que nos interessa programar e divulgar, dado tratar-se de uma excelente promoção do cinema português principalmente o que é produzido recentemente. Tendo em conta a resistência que o público revela quando se programa cinema português, é evidente o longo caminho que é necessário percorrer, e a necessidade de concretização deste tipo de iniciativas, para que o público referido revele hábitos de visionamento do nosso cinema.

02.13 – Página na INTERNET

Desde 2003 que o Cineclube de Joane beneficia de um sítio online onde figuram todas as informações relativas à sua actividade e que poderão ser do interesse dos associados presentes e, quiçá, dos potenciais futuros membros. Esta possibilidade de consulta online dos projectos e intenções do Cineclube de Joane reveste-se de ainda maior importância se for tida em conta a disponibilização da informação em tempo real e a periódica actualização dos conteúdos do website.

À semelhança do website, o Cineclube de Joane também tem um endereço de correio electrónico que usa para comunicação com os associados e com as entidades directamente ligadas à programação: correio@cineclubejoane.org

O website, alojado em www.cineclubejoane.org, tem como página inicial um destaque das notícias mais recentes do Cineclube, a par das devidas actualizações que eventualmente poderão constituir matéria relevante. Provido de um *interface* funcional e apelativo, o website é simultaneamente bastante intuitivo, estando a sua estrutura baseada em categorias claramente identificadas, nomeadamente:

- ❑ **Programação** – Uma barra lateral constantemente visível em toda a navegação do site para que a consulta dos elementos dos filmes a exhibir no mês corrente seja de consulta fácil e rápida;
- ❑ **Quem Somos** - Contém uma breve descrição das actividades já desenvolvidas pelo Cineclube de Joane, desde a sua fundação até ao presente, com a enunciação de todo o historial relevante;
- ❑ **Contactos** – A informação relativa aos contactos do Cineclube de Joane;
- ❑ **Inscrições** - Aqui são apresentadas as condições para as inscrições de futuros associados;
- ❑ **Filmes Já Exibidos** – Uma coluna criada com o intuito de enunciar todos os filmes já exibidos pelo Cineclube, com as sessões devidamente datadas e historicamente organizadas.

Paralelamente, criamos uma página no **facebook**: <http://www.facebook.com/pages/Cineclube-de-Joane/252073964686> – onde se pretende estreitar ainda mais o relacionamento, e a interactividade, entre o Cineclube de Joane e os seus associados, pois sabemos quão importantes são as suas opiniões e pontos de vista no sentido de edificar melhor a estrutura do Cineclube. Esta página, na rede social mais utilizada por estes dias, tem-se traduzido num sucesso palpável e com tradução na participação das sessões por parte dos nossos *amigos*. A página contava, no início de Novembro de 2011, com cerca de 1120 amigos.

02.14 – Edição do Boletim Mensal _ Remodelação

Em Fevereiro de 1999, foi editado o primeiro Boletim Mensal do Cineclube de Joane, sendo esta publicação enviada aos sócios no início de cada mês.

É mais uma iniciativa que comprova a diferença entre um Cineclube, neste caso o CCJ, e uma sala onde decorrem exhibições comerciais.

Em Setembro de 2003 (coincidindo com 5.º aniversário do Cineclube de Joane), editamos um boletim mensal com novo grafismo, assim como novos cartazes e “flyers”. Em 2004 melhoramos a qualidade do boletim mensal, através da impressão numa gráfica (até Dezembro de 2003 tratavam-se de fotocópias).

No decorrer de 2012, pretendemos apresentar o novo Boletim Mensal que verá aumentado o número de páginas (pois o actual revela-se exíguo), para que possa albergar um melhor escalonamento da informação relacionada com as sessões que promovemos, e contará com uma remodelação gráfica da publicação.

Cineclube de Joane / PLANO DE ACTIVIDADES

03 – ORÇAMENTO



02.01.01 ciclo **WERNER HERZOG** – Até ao Fim do Mundo

02.01.02 ciclo **JIA ZHANG-KE** - A China em Transformação

02.01.03 ciclo **António Campos**

02.01.04 ciclo O Cinema de **TENESSEE WILLIAMS**

02.02. Programação **Semanal de Cinema de Autor**

02.03. Rede de Exibição **Alternativa** – R.E.A. / I.C.A.

02.04. **Já Não Há Cinéfilos?! KUROSAWA / VISCONTI / RAY**

02.05. **Extensões de Festivais de Cinema**

02.05.01. **CINANIMA** – Festival Internacional de Cinema de Animação de Espinho

02.05.02 **INDIELISBOA** – Festival Internacional de Cinema Independente de Lisboa

02.05.03 **DOCLISBOA** – Festival Internacional de Cinema Documental de Lisboa

02.06. **Festa Mundial da ANIMAÇÃO**

02.07. **Masterclasses, Debates: O CINEMA PORTUGUÊS em Destaque**

02.08. **Cinema para as Escolas**

02.09. **A Boceta de Pandora - Filme-Concerto (Estreia / Encomenda)**

02.10. **Cinema Paraíso**

02.11. **O Homem da Câmara de Filmar**

02.12. **P.I.C. – Programa de Itinerância Cinematográfica**

02.13. **Página na Internet**

02.14. **Edição do Boletim Mensal – Remodelação**

ACTIVIDADE	DATA	CUSTO / unidade	CUSTO / total	RECEITA	DIFERENCIAL
02.01 - Destaques - Ciclos	Anual		1.200,00 €.	550,00 €.	650,00 €.
02.02 - Programação Semanal de Cinema de Autor (inclui Rede de Exibição Alternativa- 02.03 e Já Não Há Cinéfilos?! - 02.04)	Anual	180,00 €.	7.920,00 €.	6.200,00 €.	1.720,00 €.
02.05 - Extensões de Festivais de Cinema					
02.05.01 CINANIMA - Festival Internacional de Cinema de Animação de Espinho (34.ª edição)	Janeiro	50,00 €.	50,00 €.	0,00 €.	50,00 €.
02.05.02 INDIELISBOA - Festival Internacional de Cinema Independente de Lisboa (7.ª edição)	Maio	495,00 €.	495,00 €.	365,00 €.	130,00 €.
02.06.03 DOCLISBOA - Festival Internacional de Cinema Documental de Lisboa (8.ª edição)	Novembro	450,00 €.	450,00 €.	365,00 €.	85,00 €.
02.06 - Dia Mundial da Animação	Outubro	200,00 €.	400,00 €.	325,00 €.	75,00 €.
02.07 - Masterclasses, Debates: o Cinema Português em destaque!	Anual	110,00 €.	220,00 €.	0,00 €.	220,00 €.
02.08 - Cinema para as Escolas	Anual	100,00 €.	200,00 €.	0,00 €.	200,00 €.
02.09 - A Boceta de Pandora (Filme-Concerto)	Setembro	1.500,00 €.	1.500,00 €.	1.200,00 €.	300,00 €.
02.10 - Cinema Paraíso	Julho / Agosto	300,00 €.	3.000,00 €.	0,00 €.	3.000,00 €.
02.12 - Programa de Itinerância Cinematográfica	Junho	100,00 €.	100,00 €.	0,00 €.	100,00 €.
02.13 - Página na INTERNET (alojamento)	Anual		120,00 €.	0,00 €.	120,00 €.
02.14 - Edição do Boletim Mensal	Anual	150,00 €.	1.650,00 €.	0,00 €.	1.650,00 €.
TOTAL			17.305,00 €.	9.005,00 €.	8.300,00 €.

Nota: O diferencial verificado, resultado da subtracção de montantes entre a despesa e a receita, deverá ser absorvido através da celebração de protocolos com entidades públicas, nomeadamente e a exemplo de anos anteriores:

- 1) **I.C.A. - Instituto do Cinema e do Audiovisual** (Ministério da Cultura) - Participação na Rede de Exibição Alternativa [Em 2011, o ICA atribuiu uma verba de cerca de 5.300 euros ao Cineclube de Joane]
- 2) **Câmara Municipal de V. N. de Famalicão** - Celebração de protocolo para a realização de Sessões Semanais e do Cinema Paraíso [Em 2011, a CMVNF atribuiu uma verba de 3.000 euros ao Cineclube de Joane]

Cineclube de Joane / PLANO DE ACTIVIDADES 2012

ÍNDICE DE FOTOGRAFIAS



capa – **Werner HERZOG**

Índice – **Werner Herzog e Bruno S.** (*rodagem de O Enigma de Kaspar Hauser*)

retrospectiva – **Jacques TATI** (*As Férias do Sr. Hulot*)

plano de actividades – **Werner Herzog e Indios Miskitos** (*rodagem de Balada de um Pequeno Soldado*)

orçamento – **Elisabeth Taylor e Paul Newman** (*Gata em Telhado de Zinco Quente* / Tennessee Williams)

índice de fotografias – **Werner Herzog e Walter Steiner** (*rodagem de O Grande Êxtase do Entalhador Steiner*)